



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Arthur William Cardoso Santos

**Rebaixada: hub da multidão inteligente
durante os megaeventos**

Duque de Caxias
2015

Arthur William Cardoso Santos

**Rebaixada: hub da multidão inteligente
durante os megaeventos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Alita Villas Bôas de Sá Rego

Duque de Caxias

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

S237 Santos, Arthur William Cardoso
Tese Rebaixada: hub da multidão inteligente durante os megaeventos /
 Arthur William Cardoso Santos- 2015.
 108f.

 Orientadora: Alita Villas Boas de Sá Rego

 Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada
 Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

 1. Comunicação e cultura – Teses. 2. Eventos especiais - Teses. I.
 Rego, Alita Villas Boas de Sá. II. Universidade do Estado do Rio de
 Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 316.7

Bibliotecária: Lucia Andrade – CRB7/5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Arthur William Cardoso Santos

Rebaixada: hub da multidão inteligente durante os megaeventos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Aprovada em: 7 de outubro de 2015.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Alita Villas Boas de Sá Rego (Orientadora)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense- UERJ

Prof. Dr. Mauro José Sá Rego Costa
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense- UERJ

Prof. Dr. Leonel Azevedo de Aguiar
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC-Rio

Duque de Caxias

2015

AGRADECIMENTOS

A minha esposa Carla e a meu filho Ernesto que nasceu durante a redação desta dissertação.

A minha orientadora Alita Sá Rego pela paciência e por acreditar no trabalho desenvolvido.

Ao professor Mauro Sá Rego pela inspiração.

À professora Ivana Bentes pelas dicas na qualificação.

Ao professor Leonel Aguiar por sua referência.

A todos e todas que participaram da pesquisa pela confiança.

A política está sendo gradativamente alterada pelas construções sociotécnicas que emergem nas sociedades pós-industriais, constitutivas do capitalismo fundamentalmente cognitivo.

Sérgio Amadeu da Silveira

RESUMO

WILLIAM, Arthur. *Rebaixada*: hub da multidão inteligente durante os megaeventos. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2015.

Pesquisa-ação que criou, em laboratório, uma máquina técnica para investigar os efeitos da servidão maquínica na multidão inteligente que atuou nas manifestações contra os megaeventos (Copa do Mundo 2014, Olimpíadas 2016 e Jornada Mundial da Juventude 2013). O desenvolvimento do site Rebaixada avaliou limites e desafios da mídia livre, além de estabelecer um critério de inclusão na ferramenta, o que chamamos de “Devir Baixada”, por sua similaridade com o fenômeno da Cultura Digital na região da Baixada Fluminense. “Rebaixada.org” atuou como um Hub na rede de midiativistas, reunindo e distribuindo as produções multimídia de 67 iniciativas entre 2013 e 2014. Utilizamos os conceitos de “multidão” de Antonio Negri e Michael Hardt; “multidão inteligente”, de Howard Rheingold; “devir”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari; e articulamos o papel de “Hub” na “rede distribuída” com os autores Raquel Recuero e Sérgio Amadeu da Silveira. Sobre a produção ciberativista nas manifestações de todo o mundo, Manuel Castells, Fábio Malini e Henrique Antoun foram os eleitos. Heraldo HB, Ivana Bentes e Rodrigo Savazoni dão subsídios para o paralelo com o movimento de cultura digital das periferias urbanas.

Palavras-chave: Junho de 2013; Jornadas de Junho; Megaeventos; Mídia Ninja; Mídia Livre.

ABSTRACT

WILLIAM, Arthur. *Rebaixada*: hub of the smart mobs during the mega events. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2015.

Action research that created in a lab a technic machine in order to investigate the effects of machinic enslavement of the smart mobs that act during the protests against the mega events (World Cup, Olympic Games and World Youth Day). The development of Rebaixada's website measured the limits and the challenges of the free media, besides to establish an inclusion criteria to the tool, as known as "Becoming Baixada", by its similarity to the digital culture phenomenon in the Baixada Fluminense region. "Rebaixada.org" acted as a Hub in media activist network, gathering and distributing multimedia productions of 67 initiatives between 2013 and 2014. We use the concepts of "multitude" by Antonio Negri and Michael Hardt, "smart mobs", by Howard Rheingold, "becoming", by Gilles Deleuze and Félix Guattari, and we articulate the concept of "Hub" on "distributed network" with the authors Raquel Recuero and Sergio Amadeu da Silveira. About the cyberactivism production in protests around the world, Manuel Castells, Fábio Malini and Henrique Antoun were elected. Heraldo HB, Ivana Bentes and Rodrigo Savazoni give subsidies to the parallel with the digital culture movement of the urban outskirts.

Keywords: Hub; Smart mobs; Digital culture; Free media.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AND	A Nova Democracia
AMES	Associação Municipal dos Estudantes
BF	Baixada Fluminense
BRT	Bus Rapid Transport
BXD	Baixada Fluminense
CA	Centro Acadêmico
COI	Comitê Olímpico Internacional
DCE	Diretório Central dos Estudantes
ENECOS	Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social
FEBF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
FdE	Fora do Eixo
FIFA	Federação Internacional de Futebol
JMJ	Jornada Mundial da Juventude
MCA	Cineclube Mate com Angu
MinC	Ministério da Cultura
MPL	Movimento Passe Livre
NINJA	Narrativas Independentes Jornalismo e Ação
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
SEPE	Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação

TICs	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UEE	União Estadual dos Estudantes
UJS	União da Juventude Socialista
UNE	União Nacional dos Estudantes
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora
VoD	Vídeo sob demanda (video on demand)

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Arthur William na transmissão da Mídia NINJA	15
Imagem 2	Diagramas das Redes de Paul Baran	21
Imagem 3	Transmissão da Mídia NINJA dependia apenas de celular e internet	25
Imagem 4	Carta da ANATEL enviada às rádios comunitárias.	29
Imagem 5	Milhares de pequenos cartazes no protesto de 20 de junho de 2013, no Rio	32
Imagem 6	Vídeo da Mídia NINJA foi exibido pelo Jornal Nacional	53
Imagem 7	Participantes da oficina no laboratório do Rebaixada	60
Imagem 8	Cartaz de divulgação das oficinas do Rebaixada	62
Imagem 9	Aplicativo RadCom foi desenvolvido para Android e iOS	64
Imagem 10	Aspecto geral do site Rebaixada.org	66
Imagem 11	Rebaixada está listado no inquérito da Operação Firewall	72
Imagem 12	Tipos de controle do software na multidão inteligente	73
Imagem 13	Gráfico com a origem dos acessos ao site Rebaixada.org	75

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	BASE TEÓRICO-CONCEITUAL	17
1.1	Servidão maquínica e Sujeição Social	17
1.2	Mídia livre	18
1.3	Multidão Inteligente	20
1.4	Hub	22
1.5	Devir	23
1.6	Ferramentas da multidão inteligente	24
2	MEGAEVENTOS	28
2.1	Gentrificação e Opressão policial	28
2.2	Bullying midiático	30
2.3	Blocos do Rio: subjetivação da multidão inteligente (Manifestações da Multidão)	31
2.4	Antecedentes de junho de 2013	32
2.5	Manifestações de junho de 2013	34
3	DEVIR BAIXADA	38
3.1	Grupos da Baixada Fluminense	40
3.1.1	<u>Enraizados</u>	40
3.1.2	<u>Cineclubes</u> Mate com Angu	42
3.1.3	<u>Angu TV</u>	43
3.1.4	<u>Lurdinha</u>	44
3.1.5	<u>Capa Comics</u>	45
3.2	Grupos do Rio de Janeiro	45
3.2.1	<u>Vírus Planetário</u>	49
3.2.2	<u>Jornal A Nova Democracia</u>	50
3.2.3	<u>Mídia NINJA</u>	51
3.2.4	<u>Rafucko</u>	53
3.2.5	<u>Rio na Rua</u>	55
3.2.6	<u>Rede Alternativa</u>	55
3.2.7	<u>OcupaCarnaval</u>	56
3.2.8	<u>NPC</u>	57
3.2.9	<u>Advogados Ativistas</u>	58

3.2.10	<u>DDH</u>	58
3.2.11	<u>Nada deve parecer impossível de mudar</u>	58
3.2.12	<u>Projeção</u>	59
3.2.13	<u>Carlos Latuff</u>	59
3.2.14	<u>Rio \$urreal</u>	59
4	PLATAFORMA REBAIXADA	60
4.1	Laboratório	60
4.2	Desenvolvimento	61
4.3	Resultados	67
4.4	Dados	74
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	83
	ANEXO A - Dados de publicação	87
	ANEXO B - Termos mais usados pelos midiativistas	90
	ANEXO C - Acessos ao Rebaixada	92
	ANEXO D - Relatório da Operação Firewall	108

INTRODUÇÃO

“Rebaixada: hub do multidão inteligente durante os megaeventos” é uma pesquisa-ação que criou, em laboratório, uma máquina técnica para investigar os efeitos da “servidão maquínica” na “multidão inteligente” que atuou nas manifestações contra os megaeventos entre 2013 e 2014. O desenvolvimento do site “Rebaixada.org” avaliou limites e desafios da mídia livre, além de estabelecer um critério de inclusão na ferramenta, o que chamamos de “Devir Baixada”, por sua similaridade com o fenômeno da Cultura Digital na região da Baixada Fluminense. “Rebaixada.org” atuou como um Hub (RECUERO, 2009) na rede de midiativistas (Ivana Bentes apud MALINI & ANTOUN, 2013), reunindo e distribuindo as produções multimídia de 67 iniciativas nos anos de 2013 e 2014.

Entre 2007 e 2016, a cidade do Rio de Janeiro passa por um período de realização de grandes eventos nacionais e internacionais: Jogos Pan-Americanos (2007), Jogos Mundiais Militares (2011), Rio+20 (2012), Cúpula dos Povos (2012), Copa das Confederações (2013), Jornada Mundial da Juventude (2013), Copa das Confederações (2013), Copa do Mundo (2014), Olimpíadas (2016) e Paralimpíadas (2016). Junto com as atividades, Estado e empresas promovem um processo de gentrificação¹, expulsando os habitantes das regiões recém valorizadas para áreas excluídas da ação do poder público. Os agenciamentos realizados por estes grupos que não foram beneficiados por COI, FIFA, Prefeituras, Governo do Estado e Governo Federal produzem um território existencial cuja singularidade está em seu “devir Baixada”, na medida em que passam a adotar narrativas similares às dos moradores da Baixada Fluminense.

“Devir Baixada” se refere ao processo de comunicação distribuída capaz de produzir uma linha de fuga à subjetividade produzida pelo discurso dos megaeventos divulgado pelas mídias de massa corporativas. Este estudo elege o conceito de “devir” (DELEUZE e GUATTARI, 1997) por se tratar de um processo e não de uma identidade fixa.

O “Devir Baixada” é acionado a partir do tripé formado pelo agenciamento entre polícia, políticos e mídia que atua como uma potência de controle

¹ Raquel Rolnik afirma no livro “Cidades Rebeldes” (2013) que nas manifestações de junho de 2013, “o direito à mobilidade se entrelaçou fortemente com outras pautas e agendas constitutivas da questão urbana, como o tema dos megaeventos e suas lógicas de gentrificação e limpeza social”.

constantemente atualizada de acordo com as necessidades. São afetos semelhantes aos sofridos historicamente pelos moradores da Baixada Fluminense. Quando estes afetos cessaram após a final da Copa do Mundo de 2014, o devir Baixada não mais ocorreu, mantendo-se apenas na virtualidade, pronto para se atualizar durante os próximos grandes eventos do Rio de Janeiro.

Neste contexto, “Rebaixada: *hub da multidão inteligente durante os megaeventos*” é uma pesquisa-ação que investiga, analisa, experimenta e produz práticas de comunicação distribuída², numa plataforma *web* batizada de “Rebaixada”, para verificar os efeitos das tecnologias de informação e comunicação (TICs) nas formas de pensar, agir e sentir (produção de subjetividade) de indivíduos até então considerados como massa³, mas que, a partir da apropriação das redes de comunicação digital se transformam em uma “multidão inteligente” (RHEINGOLD, 2004), bem próxima do que Felix Guattari descreveu como sendo característica da “Era Pós mídia”⁴.

A pesquisa verificou o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), descrevendo o uso de ferramentas como o uso de memes, *streaming*, redes sociais, *hashtags*, blogs, agregadores, projeções, games, mapas, infográficos, fotos, vídeos e “ativismo” (mescla entre arte e ativismo político). Além disso, serão analisados aspectos transversais como sustentabilidade, privacidade, software livre, acervo, narrativas, linguagens e ludicidade de coletivos de midiativismo com os quais a pesquisa se relacionou durante sua construção.

Para construir o critério do “devir Baixada” ou Baixadização (ALVES, 2003), foram analisadas também cinco iniciativas de cultura digital da Baixada Fluminense: Cineclube Mate com Angu, Lurdinha, Capa Comics, Angu TV e Enraizados. O autor utilizou o critério de semelhança da produção de subjetividade dos grupos para definir os coletivos integrantes do hub Rebaixada.

Utilizamos os conceitos de “multidão” de Antonio Negri e Michael Hardt; “multidão inteligente”, de Howard Rheingold; “devir”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari; e articulamos o papel de “Hub” na “rede distribuída” com os autores Raquel Recuero e Sérgio Amadeu da Silveira. Sobre a produção ciberativista nas manifestações de

² ANTOUN, Henrique. Web 2.0 - Participação e Vigilância na Era da Comunicação Distribuída. Editora: Mauad, 2008.

³ HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Multidão: guerra e democracia na era do império. São Paulo: Record, 2005.

⁴ GUATTARI, Félix. As três ecologias. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

todo o mundo, Manuel Castells, Fábio Malini e Henrique Antoun foram os eleitos. Heraldo HB, Ivana Bentes e Rodrigo Savazoni dão subsídios para o paralelo com o movimento de cultura digital das periferias urbanas.

Em sua parte prática, criamos uma plataforma para servir com um “hub”⁵ da multidão inteligente, reunindo suas publicações, além de experimentar linguagens. A plataforma Rebaixada foi desenvolvida através de oficinas realizadas em Duque de Caxias (Baixada Fluminense) e na Cinelândia (Rio de Janeiro) entre outubro e dezembro de 2013. O maior volume de conteúdo do agregador Rebaixada é oriundo do *web scraping*, uma ação de varredura dos materiais produzidos por dezenas de coletivos de midiativismo, formando um grande banco de dados público. “Público” porque reúne informações cuja fonte primária é o *Facebook*, uma rede social privada e fortemente controlada.

O autor participou de diversas reuniões, atos, protestos, oficinas e debates sobre o tema (Imagem 1), realizando uma pesquisa-ação com forte prática de campo. Como investiga um tema com o qual tem envolvimento, foi preciso adotar medidas para que o conhecimento prévio do objeto não dificultasse uma análise profunda. Gilberto Velho, em “Observando o Familiar”, cita Roberto Da Matta ao falar que é preciso transformar o “exótico em familiar” e o “familiar em exótico”. A observação participante e familiar exige uma ação de relativização, sendo preciso articular diversas visões, permitindo o remapeamento da sociedade. A ação de distanciamento do familiar foi um ponto de dificuldade para esse estudo, pois o autor integra coletivos de comunicação popular e tem relação com os atores estudados. A imparcialidade é um estado impossível, porém sua procura constante garante a produção de um trabalho acadêmico, diferente de um panfleto militante.

A visibilidade do trabalho e a emergência do tema pesquisa à época também foram fatores que interferiram em sua produção, chegando ao ponto de ser incluído na lista de iniciativas investigadas pela Operação Firewall, ação da Polícia Civil do Rio de Janeiro que criminalizou os protestos, resultando na prisão de 19 ativistas no dia 12 de junho de 2013.

⁵ RECUERO, Raquel. Redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Imagem 1: Autor desta pesquisa, Arthur William é retratado numa das imagens-símbolo da Mídia NINJA.



Fonte: MÍDIA NINJA, 2014

O primeiro capítulo deste trabalho elenca seu referencial teórico, o qual está presente como uma “caixa de ferramentas” (DELEUZE apud FOUCAULT, 1979) para aplicação na análise do objeto da pesquisa-ação, a máquina-técnica Rebaixada.org. Por falar nela, trata-se de um “hub”, um nó de rede com muitas conexões, segundo Raquel Recuero e Sérgio Amadeu da Silveira. Aliás, diferenciamos a “rede” em três tipos: centralizada, descentralizada e distribuída.

Há ainda a definição de midiativismo com base na mescla entre mídia livre e ativismo descrita por Ivana Bentes, Fábio Malini e Henrique Antoun. Já a explicação do conceito de “devir” fica para autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Outro teoria é a da “Multidão Inteligente”, de Howard Rheingold, a qual articulamos com a “multidão” de Antonio Negri e Michael Hardt. Ao final, tratamos de conceituar alguns termos e expressões tecnológicas como “jardim murado”, “streaming” e “mídias sociais”. Com base nestes conceitos, o trabalho analisa a construção da plataforma Rebaixada.

No segundo capítulo, há a apresentação do cenário em que a pesquisa está

inserida: as manifestações da multidão inteligente contra os megaeventos. O autor cria uma linha do tempo para descrever alguns fenômenos que resultaram nos protestos de 2013 e 2014 como os blocos carnavalescos, além de afetos como o “bullying midiático”, a “gentrificação” e a “opressão policial”.

O terceiro capítulo trata do “devir Baixada”, enumerando grupos de cultura digital da Baixada Fluminense, seus afetos e suas linhas de fuga às adversidades com o objetivo de estudar o processo de subjetivação desses coletivos e sua similaridade com os midiativistas da capital fluminense. O texto faz ainda um relato das principais iniciativas de midiativismo entre 2013 e 2014 com base na pesquisa de campo realizada. Da Baixada: Enraizados, Cineclube Mate com Angu, Angu TV, Lurdinha e Capa Comics; do Rio: Vírus Planetário, A Nova Democracia, Mídia NINJA, Rafucko e Rede Alternativa. Os tópicos avaliam questões como plataforma tecnológica, sustentabilidade financeira e atuação em rede.

O quarto capítulo é destinado a relatar a construção da máquina técnica Rebaixada dentro de uma dinâmica de pesquisa-ação, desde as oficinas em laboratório, passando pelos problemas encontrados, até a inclusão no inquérito da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Ainda nesta parte, são discutidos alguns dados extraídos da plataforma como palavras-chave mais usadas, quantidade de publicações e a centralidade das imagens na comunicação midiativista. Outro apontamento foi a subjetividade produzida por meio da tradução das publicações para outros idiomas e seu compartilhamento pela mídia social Twitter.

Nas considerações finais, o autor sistematiza os problemas encontrados na pesquisa, como também esboça políticas públicas necessárias para dar conta das principais questões identificadas. Em suma, dá sinais das contribuições do trabalho e como ele pode ajudar na manutenção da liberdade da internet numa sociedade cada vez mais integrada por esta ferramenta e dependente dela também.

1 BASE TEÓRICO-CONCEITUAL

1.1 Servidão maquínica e Sujeição Social

As manifestações ocorridas a partir de junho de 2013 abriram espaço no Brasil para uma subjetividade que marcou a emergência de novas formas de organização política e de produção midiática. O Brasil reuniu milhões de pessoas em suas ruas, numa organização de multidão na luta pelo comum.

A comunicação refletiu a organização da própria multidão - em rede, horizontal e distribuída - um contraponto aos tradicionais modelos alternativos ao capitalismo, como sindicatos e partidos, que já *“não possuem subjetividades alternativas para oferecer”* (LAZZARATO, 2014, p. 16). Essa “massa de mídias” em oposição à “mídia de massa” (RAMONET, 2013) teve grande repercussão e influência nas manifestações. Contudo, de acordo com LAZZARATO (2014), a interseção entre a “sujeição social” e a “servidão maquínica” propiciou uma produção de subjetividade que rompe e é apropriada pelo capitalismo ao mesmo tempo.

A sujeição social nos dota de uma subjetividade, atribuindo a nós uma identidade, um sexo, um corpo, uma profissão, uma nacionalidade e assim por diante. Em resposta às necessidades da divisão social do trabalho, ele fabrica sujeitos individuados, sua consciência, representações e comportamento. (LAZZARATO, 2014, p. 17).

A sujeição social “produz e distribui lugares e papéis dentro e para a divisão do trabalho” (LAZZARATO, 2014, p. 27). Com isto, nas atividades produtivas, máquinas podem agir como seres humanos, e vice-versa, numa troca constante, onde um não pode prescindir do outro. No caso da servidão maquínica à internet, a produção gera uma comunicação alternativa ao ‘status quo’, ou seja, uma mídia distribuída, horizontal e sem fins lucrativos em oposição à imprensa comercial, vertical e centralizada. É a própria servidão maquínica da nova geração que produz o choque entre as “mídias de massa” e “massa de mídias”.

Em contrapartida, a servidão maquínica não se constrange com os dualismos sujeito/objeto, palavras/coisas ou natureza/cultura. O dividual não se opõe às máquinas, nem faz uso de um objeto externo; ele é adjacente às máquinas. Juntos, eles constituem um dispositivo “homens-máquinas” nos quais homens e máquinas são meras partes recorrentes e

intercambiáveis de um processo de produção, comunicação, consumo, etc. que os excede (LAZZARATO, 2014, p. 29)

A sujeição social encontrada em Lazzarato (2014) é posta em prática através dos meios de comunicação de massa, que “é, portanto, o dispositivo fundamental da produção de subjetividade nos modelos capitalistas, fabricando indivíduos normalizados e articulados segundo sistemas de valores hierárquicos e de submissão” (AGUIAR, 2008).

A importância histórica dos meios de comunicação unidirecionais e ponto-massa no Brasil, como rádio e TV, contribuiu para a manutenção de uma hierarquia subjetiva. O acesso aos meios de produção da comunicação era caro e impedia que segmentos sociais da periferia manifestassem suas informações para um público maior.

Mesmo os que conseguiam recursos para empreender uma mídia própria caíam na servidão maquínica da comunicação tradicional, restringindo o direito à fala apenas aos com maior afinidade ideológica. Isto porque a mídia tradicional é centralizada e limitada. Uma TV possui apenas o máximo de 24 horas diárias de programação com elevado custo de operação.

1.2 Mídia livre

A chamada “mídia livre” utiliza plataformas proprietárias para produzir e distribuir seus conteúdos, interferindo nos modos de falar, ouvir, escrever, sentir e agir. Ao mesmo tempo em que rompe com as narrativas da mídia capitalística, utiliza, majoritariamente, as plataformas dos principais empreendimentos do capitalismo cognitivo como Google e Facebook. Como aponta Guattari (1992), esse processo de “caosmose” é constante e atua na produção de linhas força, linhas de fuga, linhas de visibilidade e enunciação e, ao mesmo tempo, faz parte da reapropriação capitalista. Esta relação produz uma dupla conformação dos midialivristas. Se por um lado cria linhas de fuga ao capitalismo industrial, por outro captura os libertários através do capitalismo cognitivo. Em outras palavras, os ativistas opõem-se à mídia tradicional (rádio, TV e jornal), criando suas próprias narrativas na internet, mas ficam submetidos às linhas de força de ferramentas proprietárias que funcionam na plataforma internet.

Dentro da própria comunicação ativista, há uma migração do midialivrismo de massa para o midialivrismo ciberativista:

Os grupos de discussão e as comunidades hackers abrem, em 1984, uma bifurcação no entendimento do que se apreende sobre o ativismo midiático (o midialivrismo). Por um lado, o midialivrismo de massa reúne experiências de movimentos sociais organizados que produzem mídias comunitárias e populares, de dentro do paradigma da radiodifusão, se afirmando como práticas da sociedade civil alternativas e antagonistas em relação ao modo de se fazer comunicação dos conglomerados empresariais transnacionais e nacionais de mídia (que controlam a opinião pública desde o nível local até o internacional). Já o midialivrismo ciberativista reúne experiências singulares de construção de dispositivos digitais, tecnologias e processos compartilhados de comunicação, a partir de um processo de colaboração social em rede e de tecnologias informáticas, cujo principal resultado é a produção de um mundo sem intermediários da cultura, baseada na produção livre e incessante do comum, sem quaisquer níveis de hierarquia que reproduza exclusivamente a dinâmica de comunicação um-todos (MALINI & ANTOUN, 2013, p.21).

Os sites de rede social são “*espaços vivos que conectam todas as dimensões da vida das pessoas*” (CASTELLS, 2013, p. 169), aproveitando a dinâmica da rede mundial de computadores para a captura dos novos movimentos sociais. Tal fato ajuda a explicar a servidão maquínica atuando no sentido do Wikinomics (TAPSCOTT, 2007), relação pela qual as empresas capitalistas se fazem valer da colaboração em rede para maximizarem seus lucros.

Os indivíduos, conectados em redes de múltiplas topologias, transformam-se num “ator coletivo consciente” (CASTELLS, 2013). Estas redes sociais são *on-line* e *off-line*: reuniões abertas, assembleias, redes sociais, entre outros.

A mídia livre é, portanto, uma forma de comunicar contrária à proprietária. Isso pode dar-se através de meios tradicionais como rádio e TV, assim como comunicação em rede. O fundamento encontra-se na abertura de processos centralizados, sejam eles em rede ou unidirecionais, das novas ou velhas tecnologias de comunicação.

No contexto das mobilizações sociais, os midialivristas atuam como ativistas, num processo chamado de midiativismo (Ivana Bentes apud MALINI & ANTOUN, 2013). Não existe, portanto, separação do manifestante e do comunicador, que atualizam juntos suas potências durante os protestos.

1.3 Multidão Inteligente

Primeiramente, optamos por utilizar o conceito de “comunidade de interesses” (AMARC, 2012) para descrever o coletivo de pessoas que protagonizou as manifestações e a comunicação durante elas, as quais foram elencadas para inclusão na plataforma Rebaixada. Entretanto, este conceito não nos pareceu suficiente para explicar a configuração dos movimentos de junho de 2013. Escolhemos, por isso, o termo “multidão inteligente” (RHEINGOLD, 2004). Uma multidão reúne indivíduos singulares em torno de um objetivo comum (HARDT e NEGRI, 2005). Multidão inteligente é a reunião de indivíduos singulares, ou singularidades, através de tecnologias digitais de cooperação, tais como redes sociais, *wikis* e *software* livre.

A multidão, segundo Hardt e Negri (2005), é um conjunto de singularidades que luta por um interesse comum. No nosso caso, a multidão luta contra os efeitos dos megaeventos no Rio de Janeiro. Percebe-se aí a reunião de professores grevistas, black blocs, mídia livre, estudantes, jovens de periferia, populações removidas, entre outros.

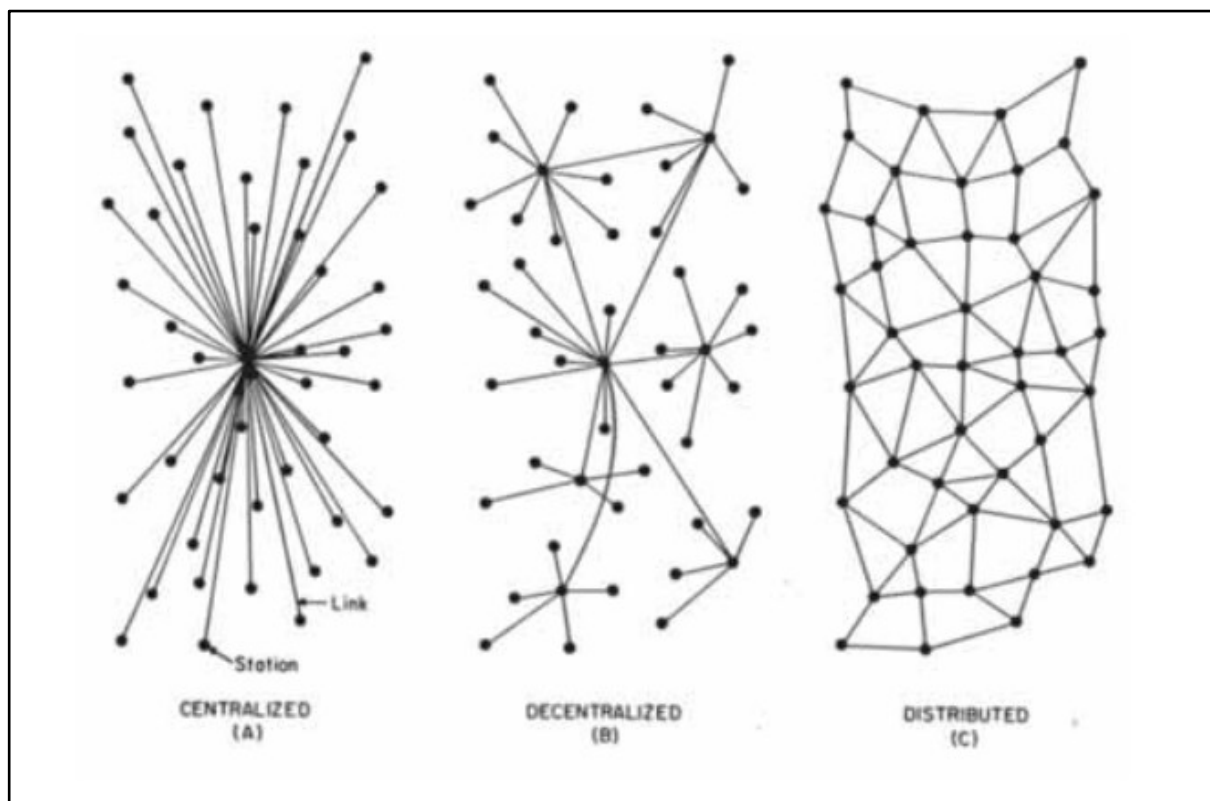
Multidões inteligentes são compostas por indivíduos capazes de agirem juntos, sem se conhecerem. Seus integrantes cooperam de uma forma inédita, graças a esse novo material: os equipamentos portáteis, capazes de permitir a comunicação e operar dados ao mesmo tempo. (RHEINGOLD, 2004)

Como diz Manuel Castells (2013), estas redes são uma articulação entre o *on-line* e o *off-line*. A fronteira entre rua enquanto território físico e internet, enquanto território virtual, inexistente. Nos dois casos, a rede é formada por nós, e se caracterizam por diferentes topologias, entre as quais as mais comuns são, segundo Paul Baran (RECUERO, 2009): centralizada, descentralizada e distribuída (Imagem 2). A rede centralizada acontece quando todos os nós dependem de um único ponto ou centro. Um exemplo é a organização das grandes emissoras de televisão no Brasil, como a Rede Globo. A “cabeça de rede” no Rio de Janeiro envia sua programação para ser repetida por centenas de afiliadas em todo o país. Se ela sair do ar, todas as outras saem também.

A rede descentralizada já apresenta mais nós de centralização. A Internet funciona desta maneira, com diversos pontos de acesso por meio de uma

determinada operadora de telecomunicações, mas sem conexão direta entre eles. Além disso, há várias operadoras, possibilitando a estabilidade da rede mesmo quando um dos pontos cair.

Imagem 2: Diagramas das Redes de Paul Baran.



Fonte: RECUERO, 2009.

Por último, existe a rede distribuída onde todos falam com todos de diversas maneiras, sem um centro distribuidor. Esta é a topologia mais próxima das redes sociais organizadas durante as manifestações de junho de 2013.

Para Negri e Hardt (2005), a multidão substitui as classes como segmento revolucionário. Trata-se de um conjunto de diversos oprimidos pelo capitalismo que atuam em redes distribuídas. Contudo, apesar do fim da medição da mídia tradicional, a comunicação da multidão inteligente ocorre na internet através da medição de softwares proprietários, cujos códigos e algoritmos não são conhecidos.

Para Sérgio Amadeu da Silveira (2014), a dependência de softwares proprietários pela multidão conectada causa uma sociedade do controle cibernética. Os proprietários dos softwares das mídias sociais podem determinar, com isso, a dinâmica da própria multidão.

1.4 Hub

Alguns nós que compõem a rede podem configurar um *Hub*, que são “*nós que possuem muito mais conexões que os demais em uma determinada rede*” (RECUERO, 2009, p.65).

..enquanto um bom HUB representa um nó que aponta para muitos ‘nós’ da rede, uma boa Autoridade é apontada por diversos outros HUBs. Em suma, um nó de rede (pessoa ou página) que tenha seus posts muito replicados tem uma grande Autoridade. Já quem compartilha muitos posts de outros perfis tem um valor de HUB mais elevado. (SILVEIRA, 2013)

Nas manifestações de junho de 2013, houve a comprovação do caráter rizomático da mídia livre por sua organização em rede distribuída. Isso porque, ao se prender um dos midiativistas que faziam a cobertura da manifestação, outro imediatamente o substituía. Esse fenômeno é bem diferente da rede centralizada implementada pela TV Globo, que distribui seus conteúdos para centenas de emissoras afiliadas em todo o Brasil. Como no país cada empresa só pode ser dona de cinco geradoras, a Globo só possui antenas próprias em Recife, Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. As outras integrantes da rede apenas repetem o sinal, numa relação de extrema dependência.

A configuração de redes descentralizadas também ajudou na ação dos midiativistas. Quando a ferramenta *Twitcasting* saiu do ar, migraram as transmissões para outro sistema sem deixar a comunicação ser interrompida. Essa dinâmica é a mesma da internet, onde quando um servidor cai, outro o suporta a conexão. Há de se atentar porém para o fato de existirem redes centralizadas entre os midiativistas. Esta característica é mais comum entre os veículos de comunicação alternativa que surgiram antes de 2013 (midialivrisimo de massa). O Jornal *A Nova Democracia* e a revista *Vírus Planetário* possuem quadro fixo de jornalistas, quando um dos comunicadores é detido pela polícia, a cobertura fica prejudicada. Situação similar ocorre com a *Mídia NINJA* ao centralizar sua coordenação no grupo *Fora do Eixo*. Acabam atuando mais com valor de Autoridade e menos com de Hub. Autoridades são ações com o propósito de difundir informação própria, falando mais e distribuindo pouco. Já os Hubs fazem circular informações produzidas por parceiros.

A postura de Autoridade é exercida por portais como G1 e Estadão. Já a participação de um Hub permite a intensa troca entre os nós criando uma rede com múltiplas conexões e formatos. As coberturas da Mídia NINJA possuem as duas características.

O acontecimento que melhor traduz a dinâmica midialivrista foi a prisão do jovem Bruno Ferreira Teles durante a visita do Papa Francisco ao Rio de Janeiro em 22 julho de 2013. O manifestante foi levado para a delegacia acusado de jogar coquetel molotov em policiais que faziam a segurança do Palácio Guanabara. A imprensa ouviu apenas a voz da Polícia Militar que dizia ter apreendido com o jovem uma mochila cheia de artefatos incendiários⁶. Após ter sua libertação recusada pelo Tribunal de Justiça, começou uma campanha pelas redes sociais a fim de provar a inocência de Bruno Ferreira Teles. Em menos de 48 horas, dezenas de vídeos e fotos foram publicados mostrando que tratava-se da prisão de um inocente. Após esta mobilização, as TVs abertas passaram a divulgar o material produzido pelas mídias livres pressionando o Governo do Estado a soltar Bruno e arquivar a denúncia.

1.5 Devir

Este trabalho entende as práticas de comunicação dos midiativistas em junho de 2013, no Rio de Janeiro, como a atualização do “devir Baixada” de uma multidão inteligente em prol do comum, na luta contra os megaeventos. Desde 2007, a repressão policial ativou o devir Baixada, ou seja, os ativistas do Rio passam a aproximar-se dos ativistas da Baixada Fluminense que encontram voz em novas narrativas. Devir não é “ser”, mas sim uma constante mudança:

Pois se o devir animal não consiste em se fazer de animal ou imitá-lo, é evidente também que o homem não se torna “realmente” animal, como tampouco o animal se torna realmente outra coisa. O devir não produz outra coisa senão ele próprio (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.18).

O devir Baixada é uma potência que se atualiza quando há repressão, do

⁶ FONSÊCA, Daniel. Não dá para não ver. Acessado em 10 de outubro de 2014. Disponível em <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10419.pdf>

Estado, de empresários e/ou da mídia. O agenciamento entre estes elementos produz uma linha de força que busca controlar a multidão com o objetivo de implementar um modelo de cidade característico do capitalismo contemporâneo, garantindo a realização de megaeventos que movimentam imensas quantias e geram lucros para poucos beneficiados. O confronto direto e violento entre as forças do capitalismo e a multidão tem como objetivo a sujeição social⁷.

1.6 Ferramentas da multidão inteligente

O *Facebook* tem como modelo de negócios o “Jardim Murado”⁸ (DANTAS, 2014), quer dizer: quem está fora dele não consegue acessar suas informações e quem está dentro tem dificuldades para enxergar o mundo externo. A criação de Mark Zuckerberg foi a principal ferramenta utilizada pelos grupos de mídia livre no Brasil. Tal escolha se deu pelo conceito de “economia de rede”, em que uma rede aumenta seu valor proporcionalmente à quantidade de pessoas que fazem parte dela⁹. Traduzindo: postar notícias em um blog ou um site terá repercussão inferior ao *Facebook*, devido ao fato de a maioria dos brasileiros estar presente na rede social.

A opção gera dois resultados: maior alcance das publicações a partir do compartilhamento e impossibilidade de criação de um acervo público dos materiais. Somada ao alto volume de interação, a primeira consequência é positiva e umas das razões do sucesso das iniciativas que as utilizaram. A própria escolha da ferramenta “*Twitcasting*” para transmissão ao vivo se deu nesses marcos. Ela permitia facilmente os comentários da audiência e a divulgação dos fatos em mídias sociais como *Twitter* e *Facebook*.

Rapidamente, o *Twitcasting* tornou-se a principal ferramenta de *streaming* midiativista. *Streaming* é a transmissão em tempo real de vídeo ou áudio pela internet. Ele difere do vídeo sob demanda, VoD na sigla em inglês, por ocorrer em

⁷ Na luta contra este modo de subjetivação, durante a Copa das Confederações, deu-se a ascensão dos adeptos da tática “black bloc”. Neste caso, a multidão deixou de dividir-se, operando mais como massa homogênea em ações predominantemente de embate físico.

⁸ Tradução do termo em inglês Walled Garden

⁹ Lei de Metcalfe (o poder de uso de uma rede aumenta da mesma forma que o número de nós) e Lei de Reed (o poder da rede aumenta em relação ao número de grupos de indivíduos capazes de utilizá-la).

tempo real como a radiodifusão e não com audiência retardada como para um conteúdo gravado. Exemplos de streaming e VoD são o Hangout e o YouTube, respectivamente.

Imagem 3: Transmissão da Mídia NINJA dependia apenas de celular e internet



Fonte: Foto do autor, 2014.

A título de comparação, as transmissões da Mídia NINJA (Imagem 3) chegaram a ter 25 mil pessoas simultâneas e 120 mil no total¹⁰, números maiores do que os encontrados em muitas rádios AM e FM, televisões UHF e canais da TV por assinatura. Alguns meses antes, uma audiência de 30 pessoas simultâneas era entendida como um sucesso, já que, como o total computava cerca de 200 espectadores, já significava o dobro da participação presencial em um debate ou manifestação anterior a junho de 2013.

O *Twitcasting* permitiu ainda a quebra de um paradigma na relação emissor-receptor. Por meio de uma dinâmica altamente interativa, o midiativista era dirigido

¹⁰ LORENZOTTI, Elizabeth. Jornalismo no Século XXI: O modelo Mídia NINJA. Acessado em 17 de outubro de 2014. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=D8tKBAAQBAJ&pg=PT5&lpg=PT5&dq=audiencia+twitcasting+m%C3%ADdia+NINJA&source=bl&ots=BVDq3nfztz&sig=aTTgUF1TRH57EGElYJ5NJVzhc4U&hl=pt-BR&sa=X&ei=fvJpVK3NBcHMgwTw4YHYBQ&ved=0CEAQ6AEwBg#v=onepage&q=audiencia%20twitcasting%20m%C3%ADdia%20NINJA&f=false>

pelos espectadores que sugeriam perguntas, trajetos e imagens, tendo seus pedidos sempre atendidos pelo “ninja”¹¹. O streaming das manifestações jogou por terra uma visão do movimento social de que a transmissão online de acontecimentos esvaziaria a participação presencial. Ao contrário, o sucesso da Mídia NINJA aumentou a mobilização popular em torno dos protestos, processo também sentido no principal ato de junho que levou milhões de pessoas às ruas em todo o país. Neste último caso, a mídia comercial teve papel fundamental por atingir muito mais pessoas que os midiativistas.

Contudo, os maiores índices de audiência foram percebidos durante os momentos de violência policial, fato que jogou luz sobre uma questão: o sensacionalismo. Isso fez com que os conteúdos de destaques dos coletivos de medialivrismo fossem vídeos de confronto entre manifestantes e policiais, gerando como consequência o uso destas imagens nos inquéritos policiais que incriminavam os ativistas.

A produção da mídia livre como prova contra os próprios manifestantes só foi possível na medida em que esses materiais foram registrados na perspectiva dos manifestantes por cinegrafistas pelos quais havia confiança. Quando ocorria repressão policial, os midiativistas eram convocados a registrar o fato e intimidar a ação da polícia. Entretanto, não havia qualquer orientação no sentido de preservar a identidade dos manifestantes no momento de confronto.

Tal problema gerou uma série de debates em dois encontros de “Videoativismo”, o que resultou no estabelecimento de alguns protocolos de segurança, sistematizados na cartilha “Como Filmar a Violência Policial em Protestos”¹² editada pelas ONGs internacionais Witness e Artigo 19. A partir daí, houve uma maior preocupação em garantir o anonimato dos manifestantes, tentar identificar infiltrados e gravar imagens que pudessem comprovar a inocência de algum acusado, como aconteceu com o jovem Bruno Ferreira Teles durante a Jornada Mundial da Juventude em julho de 2013¹³.

O ligeiro ascenso da mídia livre calcada nas redes sociais contrastou com a postura conservadora da grande mídia. No mesmo período, por exemplo, as

¹¹ Por conta do sucesso da “Mídia NINJA”, qualquer midiativista que fazia transmissão ao vivo (streaming) passou a ser chamado de “ninja”

¹² WITNESS. Como filmar a violência policial em protestos. Acessado em 16 de outubro de 2014. Disponível em <http://artigo19.org/wp-content/uploads/2014/06/GUIA-WITNESS-R02-web.pdf>

¹³ FONSÊCA, Daniel. Não dá para não ver. Acessado em 10 de outubro de 2014. Disponível em <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10419.pdf>.

organizações orientaram seus funcionários a não citarem os nomes de mídias sociais por as entenderem como concorrentes. Por terem fins lucrativos, precisam remunerar a produção de conteúdo, o que no *Facebook* só aconteceria se o usuário clicasse no link e entrasse no site da *Globo.com*, por exemplo. Tal situação é rara na rede social, pois como diz Marcos Dantas (2014), o *Facebook* atua como uma “Jardim Murado” dificultando o acesso de seus integrantes a informações externas à rede. Isso se dá por meio de táticas como a retirada de relevância de links para sites externos e a redução de exibição dos mesmos na linha do tempo de amigos e seguidores.

O segredo da viralidade das produções midialivristas está no fato de as mesmas utilizarem largamente as mídias sociais. Mídia social é qualquer mídia da internet que permite interação, tais como comentários, edição, remix e compartilhamento, fruto da chamada Web 2.0. Um conteúdo só se torna viral se estiver em contato com muita gente, ativando assim o contágio. O nome “viral” já diz muito sobre esta dinâmica: só é contaminado quem se expõem publicamente e foi exatamente isso que os midiativistas fizeram nas recentes manifestações.

Espera-se que, conforme a população on-line do Brasil cresça e amadureça, a gama de temas cobertos pelo ativismo on-line vá se diversificando ainda mais, e que indivíduos anteriormente não inclinados a participar de maneira mais ativa se envolvam em iniciativas com diferentes graus de organização e ganhem mais conhecimento sobre como se mobilizar on-line para promover seus interesses. (MIZUKAMI, 2014, p. 73)

2 MEGAEVENTOS

2.1 Gentrificação e Opressão policial

Desde 2006, o Estado vem implementando uma política de gentrificação, ou seja, de expulsão de segmentos sociais das regiões mais valorizadas da cidade. Essa ação tem origem na parceria entre o poder público e a iniciativa privada, principalmente empreiteiras que financiam as campanhas eleitorais dos políticos. Segundo levantamento do site “Proprietários do Brasil”¹⁴, o maior volume de doações para políticos vem de empresas da construção civil, as mesmas que são beneficiadas com empreendimentos como remoções, UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) e obras para os megaeventos.

O primeiro caso de gentrificação ligado aos megaeventos foi o do antigo Museu do Índio, localizado ao lado do estádio do Maracanã, na zona norte do Rio de Janeiro. No final de 2006, dezenas de indígenas ocuparam o prédio abandonado, cobrando a criação de um centro de valorização da cultura indígena. Em 2007, para a realização dos jogos Pan-Americanos, o Governo do Estado passou a desejar a demolição do prédio com a justificativa de que era preciso construir um estacionamento para a Copa e as Olimpíadas. A ocupação resistiu a inúmeras tentativas de remoção até 2013, quando uma grande força policial retirou os índios do local, levando-os para o bairro de Jacarepaguá, na zona oeste do Rio de Janeiro.

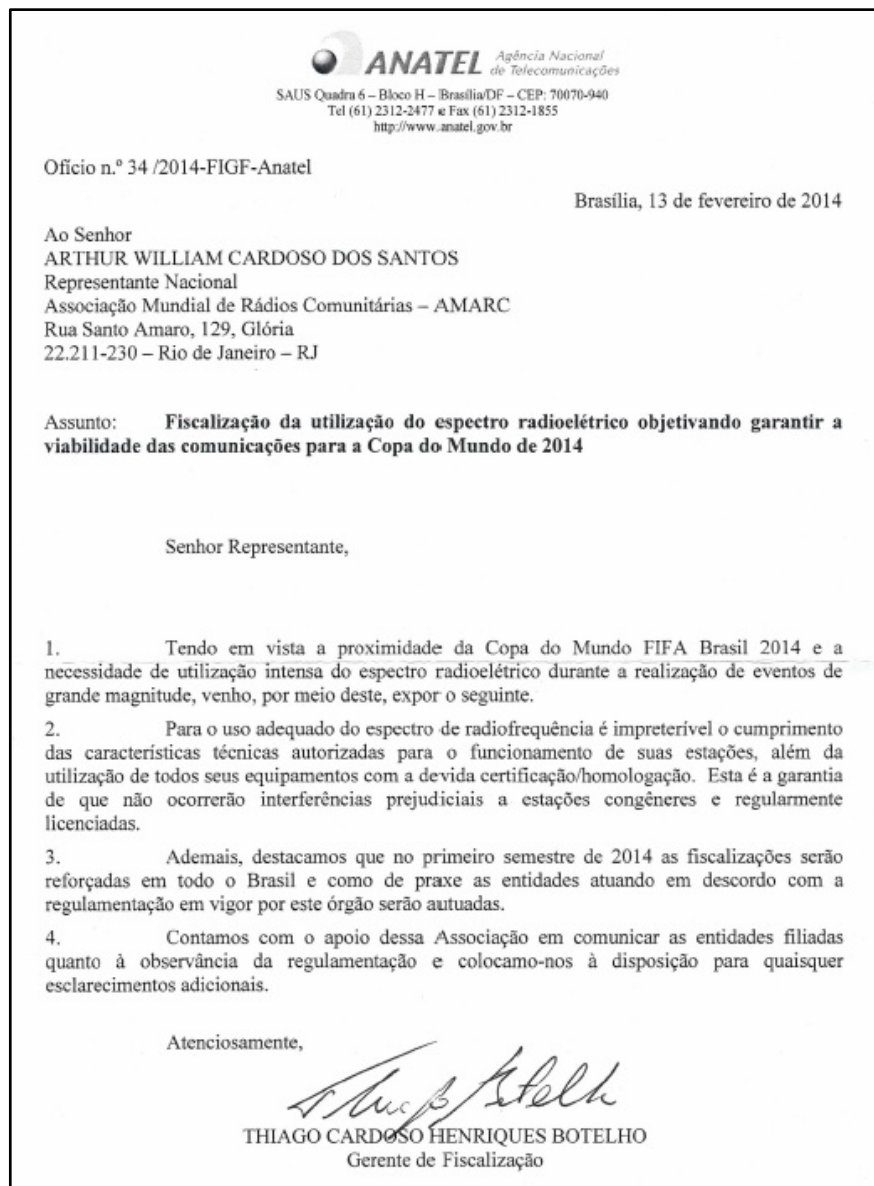
Em 2008, foi inaugurada a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da favela Santa Marta, que iniciou a principal política de controle social do Estado sobre a população carioca no contexto dos megaeventos. A UPP é calcada na ocupação militar do território, impedindo sua expansão e doutrinando suas manifestações, inclusive as de comunicação. No mesmo período os bailes funk, principal expressão cultural das favelas, foram proibidos. As rádios comunitárias de favelas “pacificadas” foram fechadas e, apesar das reclamações dos moradores, as emissoras de televisão só mostravam o lado positivo da UPP. A ocupação pelas forças militares foi acompanhada pela entrada de empresas.

Um exemplo comprovado da relação de subserviência do Estado aos interesses privados nos megaeventos é a carta (Imagem 4) que a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) enviou às rádios comunitárias do Rio de Janeiro

¹⁴ EITA. Os Donos do Rio. Acessado em 27 de setembro de 2014. Disponível em <http://proprietariosdobrasil.org.br/donos-do-rio/>.

avisando que as fiscalizações seriam intensificadas por conta da Copa do Mundo.

Imagem 4: Carta da ANATEL enviada às rádios comunitárias.



Fonte: Foto do autor, 2014.

O aumento dos preços de serviços somado à valorização das moradias nas regiões “pacificadas” elevou o custo de vida nas comunidades com UPP, forçando seus moradores a mudarem de residência. A especulação imobiliária não ficou restrita ao aumento do aluguel dos barracos nas favelas, mas também agiu com brutalidade na retirada de imóveis sob pretexto da construção de obras para os megaeventos. Um dos casos mais simbólicos é o da Vila Recreio 2, uma pequena comunidade no final do Recreio dos Bandeirantes que foi removida para a

construção do BRT¹⁵, sendo que a via expressa não passou por toda a localidade. Outro caso marcante é o da região portuária, abandonada há várias décadas. Para permitir a construção de novos imóveis, residências foram demolidas, além da principal via de ligação entre as Zona Norte e Sul que era a Perimetral. Os principais destinos das vítimas da gentrificação são a Baixada Fluminense e Zona Oeste do Rio.

A última face da gentrificação é a remoção política. Os espaços de organização política foram criminalizados e expulsos das ruas. As manifestações viraram caso exclusivamente de polícia. O primeiro exemplo é a Cinelândia que protagonizou uma grande ocupação popular nas escadarias da Câmara dos Vereadores. Durante todo o dia, o local era ponto de encontro de diversas manifestações, aula aberta, palco de debates e intervenções artísticas. A partir das greves dos professores das redes municipal e estadual, nenhuma manifestação política foi permitida no local. A consequência da proibição foi a reunião de grupos menores em lugares privados, dificultando a organização em rede dos ativistas.

2.2 *Bullying* midiático

Outro afeto comum é a ação da mídia. Para o agitador cultural Heraldo HB (2013), esta forma de opressão pode ser denominada de “*bullying* midiático”¹⁶. Os veículos de comunicação agem em sintonia com o Estado, sem que haja uma relação de subordinação entre eles, mas sim uma cooperação, que produz um senso comum sobre uma determinada situação. A “mídia-estado” (Ivana Bentes, apud: IHU, 2014), termo cunhado para refletir a ação conjunta dos meios de comunicação e do Estado interferindo na cultura política, atua na produção de consenso que visa garantir o projeto de cidade apontado pelos megaeventos. A ação da mídia tem duas consequências: a sujeição social e a territorialização existencial. Na primeira, a imprensa atua na distribuição de papéis aos envolvidos nos megaeventos. Aos críticos são atribuídos papéis negativos já que são contrários aos benefícios que as obras supostamente trariam à vida urbana. A comunicação não-oficial adota uma linguagem oficial na defesa das ações do Estado e dos interesses empresariais. Na

¹⁵ BRT (Bus Rapid Transport) sistema de vias exclusivas para ônibus.

¹⁶ HB, Heraldo. O cerol fininho da Baixada: Histórias do cineclube Mate com Angu - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013

divisão do trabalho, a mídia impõe uma relação industrial fortemente segmentada.

A comunicação tradicional propicia ainda um território existencial dos manifestantes ao identificarem todos como “*black blocs*”, “vândalos” e “baderneiros”. Esse julgamento é a senha para a opressão policial. Assim como na Baixada Fluminense, o “*bullying* midiático” deslegitima qualquer linha de fuga, aprisionando os julgados dentro de um território existencial. É a mídia operando um forte processo de sujeição social.

2.3 Blocos do Rio: subjetivação da multidão inteligente (Manifestações da Multidão)

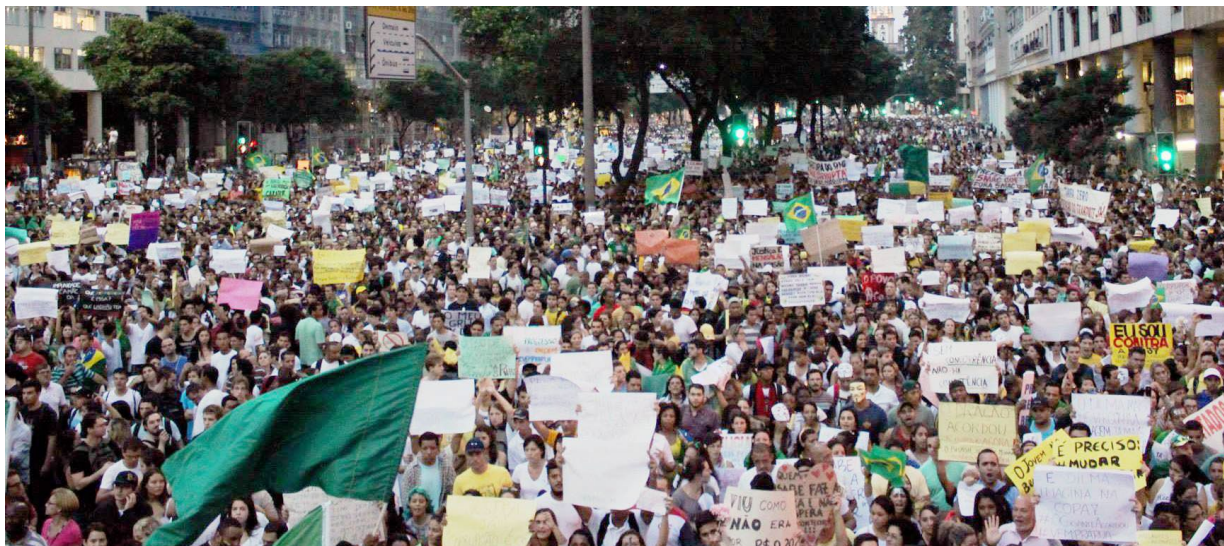
Antes mesmo de junho de 2013, os cariocas ensaiavam, em forma de multidão, uma nova maneira de organização de manifestações, fossem elas culturais ou políticas. Elas se manifestaram a partir de 2007, com a retomada dos blocos carnavalescos justamente no período dos megaeventos. Foliões se reuniam espontaneamente para criar blocos onde não havia carro de som, cantores nem mestres de bateria ou diretoria. As convocações para as reuniões ocorriam por meio de tecnologias da informação e da comunicação (TICs) numa das primeiras formações da “multidão inteligente” no Rio de Janeiro.

Os blocos de rua apresentam uma organização distribuída, ao contrário da configuração do desfile oficial das escolas de samba no sambódromo da Marquês de Sapucaí. Inspirado nas paradas militares, o Carnaval das Escolas de Samba é o oposto dos blocos: pessoas com fantasias uniformes, percurso fixo, separação por alas, lideranças bem definidas, canto emitido por alguns e ecoado pelos demais. O Carnaval da Sapucaí é feito por muitos operários pobres e oriundos da periferia em benefício de empresas que obtêm lucros extraordinários com a festa. Já nos blocos, o trabalho cognitivo acontece em prol do comum. Como o planejamento da cidade não permite o desfile de blocos sem autorização oficial, essas manifestações públicas foram proibidas.

A oposição refletida em “Sapucaí x Carnaval de Rua” foi sentida também entre os protestos da multidão e as passeatas convocadas pelas centrais sindicais (julho de 2013). Na primeira, não havia carro de som, os cartazes eram artesanais (Imagem 5), o trajeto dos atos foi decidido no momento e havia várias pautas. Já na manifestação dos sindicatos, havia faixas produzidas industrialmente, uma fonte

sonora centralizada e uma clara divisão entre direção e base.

Imagem 5: Milhares de pequenos cartazes no protesto de 20 de junho de 2013, no Rio.



Fonte: Foto do autor, 2013.

Este fenômeno de multidão experimentado durante os carnavais a partir de 2007 eclodiu politicamente com as manifestações de junho de 2013. Durante o carnaval de 2014, houve uma sinergia entre o samba e os protestos com o movimento “Ocupa Carnaval”. Por meio das redes sociais *on-line* e *off-line*, foliões e ativistas produziram paródias das marchinhas mais famosas com o intuito de amplificar a luta contra os megaeventos. Foram distribuídas as letras das paródias, as quais foram cantadas em diversos blocos da cidade.

“Carnavalizar a política era um desejo / estratégia dos nós do Occupy no Brasil desde 2012. As estruturas carnavalescas - principalmente o bloco - eram o laboratório de alguns membros do Partido Pirata e do Anonymous” (GUTIERREZ, 2014).

2.4 Antecedentes de junho de 2013

As manifestações ocorridas a partir de junho de 2013 foram mobilizadas inicialmente pelo MPL (Movimento Passe Livre), um grupo que se organiza em forma de rede e cuja pauta principal é a mobilidade urbana, um dos efeitos centrais da gentrificação.

O aparecimento do MPL, dez anos antes, já denotava um contraste com o

movimento estudantil tradicionalmente organizado em grêmios estudantis, Centros Acadêmicos (CAs), Diretórios Centrais de Estudantes (DCEs) e suas entidades representativas UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), UNE (União Nacional dos Estudantes), UEE (União Estadual dos Estudantes) e AMES (Associação Municipal dos Estudantes). O organograma destes últimos grupos políticos se assemelha a estruturas hierárquicas de partidos e sindicatos.

A atuação do MPL teve destaque inicial durante a “Revolta do Buzu”, no ano de 2003 em Salvador-BA, e a Revolta da Catraca, em 2004 na cidade de Florianópolis-SC. Nestas ocasiões, o movimento horizontal e descentralizado já dava pistas do que viria a ocorrer em junho de 2013, contudo até esta última data permanecia na periferia dos movimentos dos estudantes secundaristas e universitários.

Nota-se que entre 2003 e 2013, houve importantes fatos que mudaram a conjuntura das organizações políticas no Brasil. Em janeiro de 2003, teve início o primeiro mandato como presidente da República de Luiz Inácio Lula da Silva, eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em coalizão com outros partidos de esquerda como o PCdoB, sigla que liderava no momento as principais entidades estudantis do país, como UNE e UBES, a partir do movimento UJS (União da Juventude Socialista).

Tal situação teve como reflexo uma postura pouco crítica e até mesmo adesista das entidades estudantis em relação ao Governo Federal. É importante frisar que durante o período, o Ministério da Educação lançou pautas como o ProUni (Programa Universidade para Todos) e o ReUni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), além da proposta de uma ampla Reforma Universitária.

Em paralelo, houve a criação de um novo partido no campo da esquerda com forte presença no movimento estudantil. O PSol (Partido Socialismo e Liberdade) nasceu em 2004 após a expulsão de parlamentares do PT que divergiam das ações do governo Lula.

Nesta década, não houve políticas públicas de comunicação efetivas no sentido da Democratização dos Meios. A criação da EBC (Empresa Brasil de Comunicação) em 2007 veio no sentido de regulamentar o Artigo 223 da Constituição Federal de 1988 no que diz respeito à “complementaridade dos sistemas privado, público e estatal”.

Entretanto, a TV Brasil, emissora pública criada pela EBC em 2007 a partir da fusão entre a TV Educativa do Rio de Janeiro (TVE RJ) e a estatal Radiobrás, não obteve o protagonismo esperado. Além disto, as rádios comunitárias sofreram grande perseguição por parte da ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações). Já as TVs comunitárias possuíam pequeno alcance entre a população por estarem limitadas às operadoras de TV por assinatura.

Outra ação importante foi a organização de grupos de blogueiros progressistas, contudo a iniciativa limitou-se a reunir grupos adesistas ao Governo e dependentes da verba estatal para a manutenção de seus veículos alternativos à chamada mídia tradicional. Entendido inicialmente como parte do espectro da “mídia livre”, acabou aproximando-se mais da comunicação de defesa das ações do governo Lula/Dilma e do Partido dos Trabalhadores.

2.5 Manifestações de junho de 2013

Em 2013, no momento dos primeiros protestos, prefeituras de várias capitais brasileiras estavam aprovando o aumento da tarifa básica do transporte público.

No Rio e em São Paulo, o acréscimo de 20 centavos ao preço da passagem significava mais uma ação no sentido de dificultar a circulação pela zona urbana, retirando o “direito à cidade”. Os atos seguiam reunindo um número que não passava de uma dezena de milhares de pessoas. Após forte repressão policial à manifestação de 13 de junho de São Paulo, que feriu diversos jornalistas, a mídia mudou sua cobertura. Um dia antes, o comentarista do “Jornal da Globo”, Arnaldo Jabor criticou a luta do MPL.

A visibilidade na mídia tradicional aproximou outros segmentos aos protestos do dia 17 de junho, que ganhou mais pautas para além dos 20 centavos como educação, Copa do Mundo e corrupção. A partir do ato do dia 17, o MPL já não tinha mais comando dos manifestantes, que decidiam percurso e palavras-de-ordem durante o próprio momento da passeata em assembleias-relâmpago.

O principal ponto de ligação entre os manifestantes continuou sendo o protesto contra a elevação da tarifa dos transportes(...), porém aumentou o número de grupos de insatisfeitos que aderiram às manifestações com novas demandas. A rejeição da violência policial foi uma das principais tônicas. Os gastos do governo federal para promover a Copa do Mundo também estiveram entre os alvos, (...) O grito de guerra pela redução da

tarifa de ônibus, metrô e trem - que era originalmente a pauta central - marcou presença, mas o coro foi engrossado por outras demandas como mais educação, fim da violência policial e contra todos os partidos políticos . (Estado de S. Paulo, apud: JUDENSNAIDER, 2013, p. 174)

Após apoios de artistas e aprovação das pautas pela imprensa, milhões de brasileiros foram às ruas em 20 de junho de 2013 naquele que ficou conhecido como o maior protesto de toda a história do país. Na ocasião, havia grupos com reivindicações distintas, alguns até pedindo o retorno da ditadura militar. Enfrentamentos físicos entre manifestantes progressistas e reacionários não foram raros. Duas massas unidas, mas sem formar uma multidão.

Antes do dia 20 de junho, os prefeitos das cidades que tinham aumentado a tarifa voltaram atrás e cancelaram o reajuste. A vitória contra os 20 centavos deu força ao movimento que migrou sua pauta para a luta contra os megaeventos, os quais ainda viriam a ocorrer, e suas consequências. Em junho, teve início a Copa das Confederações da FIFA (15 a 30 de junho) e em julho (entre os dias 23 e 28) a cidade do Rio de Janeiro sediou a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), encontro da Igreja Católica que reuniu milhões de pessoas junto ao recém eleito papa Francisco, um argentino de linha progressista.

Durante os dois eventos, os protestos tornaram-se palco de uma multidão inteligente que trocava informações em tempo real por meio das TICs. Em 8 de agosto, os professores das redes municipal e estadual entraram em greve, trazendo outro segmento social para os protestos. A mobilização durou até 25 de outubro, quando o Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE) cumpriu um acordo com o Supremo Tribunal Federal (STF).

Em 28 de fevereiro de 2014, os garis paralisaram suas atividades em pleno carnaval. Ao contrário do que pensava a Prefeitura, moradores e turistas da capital fluminense apoiaram a greve que durou 8 dias. Até mesmo o Gari Sorriso, símbolo do carnaval carioca, manifestou apoio aos grevistas. Ao final, a categoria conseguiu aumento de 37%.

Educadores, índios¹⁷, moradores removidos, estudantes e população afetada pelos megaeventos criaram sua própria comunicação distribuída, sem pontos de centralização. Cada pessoa utilizava seu aparelho celular para produzir e compartilhar informações sobre as mobilizações.

¹⁷ Aldeia Maracanã foi desocupada em 22 de março de 2013.

A onda que teve início com a Mídia NINJA e outros poucos coletivos entrou em processo de dispersão, o que dificultava a repressão policial. Se antes bastava prender um midiativista para cessar a divulgação dos acontecimentos, agora as forças de controle social não conseguiam utilizar a força física para tal.

A alternativa foi também cognitiva. Em janeiro de 2014, manifestantes começaram a realizar “catracaços” na Central do Brasil por conta do anúncio de reajuste da tarifas dos trens urbanos, um serviço caro e sem qualidade. O protesto consistia em deixar que os usuários do serviço de transporte entrassem na estação sem pagar.

No dia 6 de fevereiro, um confronto entre policiais e adeptos da tática Black Bloc nas imediações da Central do Brasil ocasionou a morte do cinegrafista da TV Bandeirantes, Santiago Andrade, quatro dias depois. A mídia tradicional utilizou o acontecimento para frear os protestos em ano de Copa do Mundo, tentando ligar os jovens que acenderam o rojão que vitimou o radialista ao deputado estadual Marcelo Freixo, a partidos de esquerda, à filosofia anarquista e aos Black Blocs.

A forte repressão simbólica das manifestações fez desaparecer a multidão inteligente. De março ao início da Copa do Mundo, em junho, os protestos contaram com a predominante presença de uma massa de Black Blocs. Os atos diminuíram de tamanho, mas não pararam.

Com a chegada da Copa do Mundo (12 de junho a 13 de julho), a mobilização voltou a ganhar força. A final no estádio do Maracanã seria o ápice dos protestos anti-Copa, contudo um dia antes da partida, 19 ativistas tiveram a prisão decretada a partir de investigação da Operação Firewall. O ato do dia 13 de julho foi cercado pela Polícia Militar no local da concentração, a Praça Saens Peña, no bairro da Tijuca, impossibilitando que os manifestantes se aproximassem do estádio do Maracanã.

Entre junho de 2013 e julho de 2014, outras mobilizações ocorreram como a retomada da Aldeia Maracanã (15 de dezembro de 2013), Ocupa Cabral (30 de junho de 2013), Cadê o Amarildo (14 julho de 2013), Casamento da Dona Baratinha (13 de julho de 2013), Desocupação do prédio da Telerj (11 de abril de 2014), Ocupa TV Globo (3 de julho de 2013), Desocupação da Favela Metrô-Mangueira (7 de janeiro de 2014) e diversos protestos contra a UPP em favelas cariocas. Boa parte dos ativistas participava das demais frentes de luta, demonstrando a formação de uma multidão inteligente que se comunicava por meio das ferramentas digitais e

móveis.

A investigação da Operação Firewall mostrou, entretanto, que o largo uso destes meios de comunicação foi o que produziu provas contra a ação dos manifestantes. A maioria dos indícios listados no pedido de prisão na véspera da final da Copa era composta por conversas, fotos e vídeos retirados de mídias sociais como Facebook e YouTube. O mesmo instrumento utilizado na luta da multidão contribuiu para seu fim.

Já prevendo o uso das informações publicadas em mídias sociais na criminalização dos protestos, alguns grupos de midiativismo iniciaram uma ação para impedir o vazamento de dados prejudiciais às suas lutas. Alguns optaram por ferramentas que criptografam as conversas, como o Telegram e o RiseUp. Outra iniciativa foi a criação apenas de grupos temporários e uso de perfis falsos. Os ativistas começaram a preocupar-se com quem relacionavam-se na internet, já que antes apenas pensavam em mobilizar a maior quantidade possível de pessoas. Neste campo encontram-se os coletivos mais próximos à Mídia NINJA.

Já os grupos ligados aos mais radicais, como a Nova Democracia, elegeram as reuniões presenciais como a única forma de organização. Estes encontros eram promovidos em locais isolados e com lista de convidados extremamente controlada. Em muitos casos, havia a orientação para que os celulares fossem desligados (com a bateria retirada) pelo temor de existir algum software gravando as conversas ou enviando a localização das reuniões para a polícia.

A multidão inteligente teve que encontrar linhas de fuga às TICs disponíveis justamente por conta da ambivalência das mídias digitais, pois “essas mídias são, simultaneamente, instrumentos de fortalecimento da democracia e de controle dos cidadãos” (BÖLL, 2015).

3 DEVIR BAIXADA

Historicamente, a Baixada Fluminense é a zona de exclusão da região metropolitana do Rio de Janeiro. Sua população não tem acesso aos serviços públicos e toda manifestação contrária a esta política é perseguida, em muitos casos ocasionando a morte dos envolvidos.

A violência, que serviu de referência na demarcação da fronteira entre o mundo civilizado e a barbárie, separando a cidade do Rio de Janeiro da Baixada Fluminense, ao longo de mais de duas décadas, foge agora dos seus limites espaciais e passa a fazer parte da realidade carioca. (ALVES, 2003, p. 16)

No trecho acima, José Claudio Souza Alves fala no fenômeno de “baixadização” de algumas regiões cariocas pelo fato de passarem a possuir afetos similares aos encontrados na Baixada Fluminense. O livro “Dos Barões ao Extermínio” delimita a Baixada a partir de características como a violência.

Na capital fluminense, a mídia alternativa usava majoritariamente a linguagem jornalística para se expressar. Jornais comunitários, rádios e TVs lançavam mão das tradicionais narrativas para empreenderem uma comunicação com outro ponto de vista. De acordo com Heraldo HB (2013), com a impossibilidade de manter uma narrativa jornalística, o movimento cultural da Baixada buscou outras formas para expressar sua insatisfação com o cenário de exclusão¹⁸. Este fenômeno teve sua consolidação na primeira metade dos anos 2000 a partir do surgimento da chamada “Cultura Digital”. Através da convergência tecnológica, surgiram iniciativas que agregavam cultura, comunicação e tecnologia em uma mesma expressão. Os campos, antes definidos, passaram um por uma mescla irreversível.

Nesta época, houve ainda o barateamento dos preços de ferramentas essenciais para produção de conteúdo como gravadores, filmadoras e ilhas de edição. Se antes esses equipamentos estavam restritos a um segmento social atrelado à indústria cultural, agora passam a ser propriedade privada universal, ou seja, meios de produção que estão presentes nas mãos de qualquer pessoa. Podemos citar o celular e o computador como os principais meios de produção universalizados. Já são 70 milhões de smartphones e 118 milhões de computadores pessoais para uma população de 198 milhões de habitantes. A previsão é que em

¹⁸ HB, Heraldo. O cerol fininho da Baixada: Histórias do cineclube Mate com Angu - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013

2016, o Brasil possuía um computador por habitante¹⁹.

Outro ponto importante é que a distribuição deixou de ser um grande desafio. Com a universalização do acesso à internet (rede) e o surgimento de sites que oferecem serviços de armazenamento de blogs, vídeos e fotos, a cadeia completa tornou-se acessível aos agitadores culturais. Entende-se por “cadeia de valor da comunicação” a definição dada pela Lei 12.485 de 2011 que regulamenta as TVs por assinatura. A comunicação audiovisual seria dividida em: produção, programação, empacotamento e distribuição. A partir da virada do século, o acesso aos meios de produção digitais tornou todas as etapas da cadeia acessíveis a moradores da periferia. Surgiam então as primeiras narrativas independentes, típicas de uma sociedade pós-mídia.

Na Baixada Fluminense, esse movimento teve importantes experiências que se tornariam hegemônicas pós manifestações de junho de 2013. Entre elas podemos destacar:

- Cineclube Mate com Angu (personagens e projeção)
- Enraizados (música e rede social)
- Angu TV (streaming e vídeos de humor)
- Lurdinha (agregador, games e mapas)
- Capa Comics (ilustração)

A partir de junho de 2013, a luta contra os megaeventos começou a adotar algumas formas de narrativas independentes audiovisuais, sonoras e multimídias que a Baixada já utilizava por conta da repressão, num devir Baixada. Eis alguns exemplos:

- Rafucko (vídeos de humor)
- Ocupa Carnaval (música)
- Mídia NINJA (streaming)
- Mapping the Commons (mapas)
- Batman Pobre (personagens)
- Projetação (projeção)

¹⁹ G1. Brasil terá um computador por habitante em 2016. Acessado em 15 de outubro de 2014. Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/04/brasil-tera-um-computador-por-habitante-em-2016-preve-fgv.html>

- Carlos Latuff²⁰ (ilustração)

Ao longo do tempo, estas iniciativas desenvolveram-se da seguinte forma:

- Já existiam e se mantiveram (Exemplos: Revista Vírus Planetário, jornal A Nova Democracia e O Cidadão)
- Surgiram em 2013 e acabaram (Exemplo: Rede Alternativa)
- Surgiram em 2013 e continuaram (Exemplos: Mídia NINJA e Mariachi)
- Surgiram depois de junho a partir da rearticulação de pessoas (Exemplos: Rio na Rua e Mídia Informal)

Por sofrerem as consequências da exclusão do projeto de cidade e se oporem a isto, estes movimentos sociais entraram em um devir Baixada, já que territorializaram as mesmas formas narrativas dos coletivos de Cultura Digital dessa região, após vivenciarem uma desterritorialização por conta dos megaeventos.

Todos os devires já são moleculares. E que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. Esse princípio de proximidade ou de aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma. Ele indica o mais rigorosamente possível uma zona de vizinhança ou de co-presença de uma partícula, o movimento que toma toda partícula quando entra nessa zona. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 64)

3.1 Grupos da Baixada Fluminense

3.1.1 Enraizados

Primeira face do movimento de cultura digital na Baixada Fluminense, o Enraizados nasceu em 1999 no bairro de Morro Agudo, um dos mais pobres de Nova Iguaçu. Criado pelo rapper Dudu do Morro Agudo (DMA), sua função era criar uma rede de pessoas ligadas ao Hip hop em todo o Brasil. A primeira ação do grupo

²⁰ O chargista brasileiro Carlos Latuff teve seu trabalho utilizado nos protestos do Egito, Grécia e Turquia, entre outros países que promoveram protestos a partir de 2011.

foi desenvolver um site para publicar os relatos dos integrantes da rede, que chegavam por meio de cartas pelo correio.

DMA então pesquisou em apostilas na internet e conseguiu desenvolver um site utilizando a linguagem HTML, a qual desconhecia. Usou como domínio o CJB.NET, um serviço gratuito de redirecionamento de URL que foi a porta de entrada para muitas páginas web na virada dos séculos XX e XXI.

Mesmo com todos os contras, fazer o site era a única solução prática que estava ao alcance naquele momento. Eu já tinha um computador e minha avó havia comprado uma linha telefônica com uma extensão até meu quarto. A questão da internet estava resolvida, mesmo sendo uma internet que quando veloz chegava a 46kbps. Coloquei a mão na massa, baixei apostilas da internet e comecei a estudar HTML para poder construir o site. Apreendi também a editar imagens para produzir algumas coisas gráficas, como por exemplo, o logotipo do Movimento Enraizados. (DUDU, 2010, p. 68)

Apesar do forte uso da internet, DMA tinha que distribuir suas músicas por meio de fitas K7. Isso porque as hospedagens gratuitas não permitiam o upload de arquivos grandes. Essa foi a linha de fuga encontrada para articular rádios comunitárias na recente rede do Enraizados.

Leonel Aguiar (2008) aponta que “As mais diferentes análises dos novos movimentos sociais – o Movimento Enraizados pertence a esse registro – demonstram a importância política dos grupos culturais periféricos nos embates contra as sobredeterminações econômicas que subestimaram o potencial transformador das manifestações culturais”. Trata-se do movimento cultural na luta contra a sujeição social, ou como prefere definir: “um sentido de atuação da sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1977) impondo um determinado modo de subjetivação pelas injunções econômicas”.

Para romper com a sujeição subjetiva, o Enraizados utilizou “a criatividade nas práticas sociais da comunicação” (AGUIAR, 2008, p. 97). O grupo apropriou-se das máquinas técnicas para gerar novas subjetividades, permitindo a criação de redes até mesmo com iniciativas de outros países. Esse território existencial que une pessoas e coletivos das periferias de todo o mundo é uma mistura entre local e global, o híbrido glocal.

3.1.2 Cineclube Mate com Angu

Maior referência de cultura digital na Baixada Fluminense, o cineclube Mate com Angu é um hub, criado em 2002, que juntou artistas e ativistas de movimentos sociais da Baixada e de fora dela. A iniciativa teve origem na ideia de Igor Barradas em filmar o bairro em que residia: Jardim Primavera, a periferia da periferia.

O filme “Progresso Primavera” foi filmado em 2000 e editado em 2001 lançando mão da tecnologia digital, novidade à época. Lançar um filme antes disso requeria uma grande quantidade de dinheiro, a qual o jovem morador de Duque de Caxias não possuía. Era preciso gravar em película com edição linear, recursos pouco acessíveis por conta do alto custo.

A partir do barateamento dos equipamentos digitais como computador, softwares e câmeras digitais, a produção audiovisual passou a ser realizada nas periferias urbanas do país. No caso do “Progresso Primavera”, Igor Barradas apropriou-se da máquina técnica para produzir subjetividades até então inéditas. O filme abriu uma linha de fuga à sujeição social imposta por meio da opressão subjetiva da mídia tradicional, que outro criador do cineclube, Heraldo HB (2013), chama de “bullying midiático”.

Igor Barradas conseguiu mostrar a Baixada Fluminense para além das notícias de segurança pública e problemas sociais, criando uma narrativa que daria origem ao cineclube um ano depois.

O agitador cultural Heraldo HB e Igor Barradas reuniram um grupo de interessados para criar um espaço que exibisse o material que estavam produzindo e outros filmes de que gostassem. O projeto já começou convergente ao experimentar um programa multiplataforma na Rádio Kaxinawá, localizada no campus de Duque de Caxias da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). O programa “Cinema Cego”, idealizado em conjunto com o professor Mauro Sá Rego, consistia na transmissão do áudio dos filmes exibidos no pátio da universidade.

Depois dessa experiência, o cineclube Mate com Angu encontrou abrigo no Instituto Histórico de Duque de Caxias, local que tinha um projetor multimídia mas que ficava na câmara dos vereadores. Com o barateamento dos custos dos equipamentos, conseguiu alugar um projetor para as sessões no Sindicato dos Bancários e no ponto de cultura da Lira de Ouro.

Outro uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) pelo Mate com Angu foi a criação de uma lista de emails que passou organizar a comunicação de seus integrantes de vários bairros da Baixada e de localidades da capital carioca.

O cineclube também inovou nas linguagens. Usou o ativismo, mistura de arte com ativismo, para contar suas histórias. Uma delas ocorreu em 2012, quando a cidade de Duque de Caxias teve a coleta de lixo interrompida após o fechamento do aterro de Jardim Gramacho por conta da Rio+20. O artista Carlos D criou uma fantasia de lixo para o personagem “Parangolixo” no vídeo “Ensaio sobre a sujeira”.

Nas manifestações de junho de 2013, Carlos D criou o personagem “Batman Pobre”, principal símbolo do ativismo daquele momento.

3.1.3 Angu TV

Em menos de dez anos do Mate com Angu, o cineclube passou da escassez de recursos técnicos para a apropriação das máquinas técnicas a ponto de inovar em seu uso. As novas tecnologias digitais abriram as portas para a produção e a distribuição de audiovisual. O Mate aproximava novos parceiros que necessitavam de mais rapidez para a expressão artística. Daí surge a Angu TV, um grupo interno do cineclube que criava crônicas sobre a Baixada em formato de vídeo para exibição nas sessões regulares.

Os colegas do movimento estudantil Marcio Bertoni, Rodrigo Dutra e Guilherme Zani criaram uma linha de fuga para produção de subjetividades na e sobre a Baixada através de linguagens não-jornalísticas. O humor e a ficção uniram-se em docudramas experimentais que muitas vezes só faziam sentido para uma audiência coletiva sob o efeito de drogas legais e ilegais, exatamente como ocorria nas sessões do Mate com Angu.

Na linha de experimentação, a Angu TV passou a realizar programas ao vivo pela internet gravados na laje da casa do Marcio Bertoni. “Web TV de laje” era o lema do programa “Buraco Cavernoso”, que depois teve edições em eventos do Ministério da Cultura e no campus Duque de Caxias da UERJ (FEBF). Como equipamentos de filmagem, o grupo usava filmadoras antigas e câmeras de segurança. Para alternar as imagens, era utilizado um “Quad”, ferramenta de circuito fechado de televisão.

Partindo da experiência da Angu TV, Bertoni começou suas pesquisas sobre transmissão via web, nessa mesma perspectiva de construção de mídias contra-hegemônicas; e o streaming passou a ser parte do repertório de ações do cineclube. Com esse aporte, as sessões do Mate ganharam um público extra, de diversas partes do país, e até de outros, que participaram bastante das transmissões via internet. (HB, 2013, p. 171)

Tudo isso aconteceu entre 2007 e 2011, antes do surgimento da “Pós TV”, projeto que deu origem à “Mídia NINJA”. Bertoni já transmitia ao vivo as sessões do Mate com Angu por meio de um smartphone antes das manifestações de junho de 2013.

Apesar da visibilidade, a Angu TV e o Buraco Cavernoso interromperam suas ações pela falta de sustentabilidade financeira.

3.1.4 Lurdinha

Muitos dos registros históricos de Duque de Caxias estão em acervos privados. Com o objetivo de tornar acessíveis histórias pouco conhecidas da região, o agitador cultural Heraldo HB criou, em 2010, o blog coletivo Lurdinha, no qual moradores publicam fatos do presente e do passado.

Até 2015, a Lurdinha contava com 57 colaboradores que já haviam escrito 752 *posts*, muitos dos quais são as únicas referências na internet para determinados temas.

A mesma preocupação de abrir acervos privados de histórias do passado, a Lurdinha mantém em relação aos acontecimentos do presente, na medida em que a maioria dos grupos culturais e políticos do município faz sua comunicação exclusivamente no Facebook, que é uma rede social privada e fechada. O blog está hospedado no servidor Relinkare, um espaço compartilhado por diversos projetos culturais como cineclube Mate com Angu, Lira de Ouro, Terreiro de Ideias e Curta Caxias.

O blog experimentou ainda linguagens como games e mapas. A fim de informar os problemas da principal avenida da cidade (Av. Presidente Kennedy, atual Leonel Brizola), foi desenvolvido o jogo “Rally da Kennedy”. Este *post* é um dos mais visualizados do site e consiste em desviar de ônibus e buracos em uma rua. Já os mapas foram utilizados para mostrar a divisão dos votos pelos bairros entre dois candidatos à Prefeitura em 2012.

3.1.5 Capa Comics

União de diversos cartunistas da Baixada Fluminense, a Capa Comics surge em 2013 para criar histórias em quadrinhos ambientadas na região. Os personagens estão envoltos em enredos recheados de críticas políticas e sociais. São tipos comuns: político corrupto, empresa poluidora, falta de infraestrutura, segurança e transporte. “O personagem “Detrito”, homem transformado em fezes que vive à beira do rio Sarapuí, é um herói torto que precisa lutar contra todo tipo de monstro” (Cultura RJ, 2014, p. 317).

Um exemplo é a HQ de “O Doutrinador”, justiceiro que mata políticos, traficantes e empresários, além de tecer fortes críticas à imprensa. Por conta da grande repercussão, o personagem saiu da Capa Comics para virar livro e animação independentes.

O grupo utiliza a linguagem dos quadrinhos para criar uma ficção que confunde-se com a realidade da Baixada Fluminense. Conseguem com isso expressar sua visão de mundo, sem bater de frente com os poderes estabelecidos. Essa linha de fuga gera ainda um rompimento subjetivo com a sujeição social, na medida em que os moradores da região passam a ser protagonistas e heróis em suas ficções.

O fato destas histórias utilizarem a linguagem dos quadrinhos ajuda a ampliar o alcance das mesmas e o entendimento da situação da Baixada. Fenômeno similar foi notado nas manifestações de 2013, quando charges eram divulgadas em todo o mundo para narrar o conflito que ocorria no Brasil por conta dos megaeventos.

3.2 Grupos do Rio de Janeiro

Dentro desta pesquisa não estão enquadrados grupos que se reuniram, durante 2013 na luta contra a corrupção, retorno à ditadura militar e outros objetivos que não o do comum. Levamos em conta apenas os seguintes coletivos, grupos e ativistas que apresentavam o devir Baixada e que atuavam como multidão inteligente entre junho de 2013 e julho de 2014:

1. #OcupaCarnaval
2. Alfa Beto

3. Anonymous Brasil
4. Coletivo Carranca
5. Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas
6. Das Lutas
7. Jornal Opinião de Brasileiro
8. Justiça Global Brasil
9. Linha de Frente Audiovisual
10. Los Vânda
11. Marcelo Freixo
12. Mariachi
13. Mídia Gedai
14. Mídia Independente Coletiva
15. Mídia NINJA
16. Multidão Web
17. NPC
18. Pós TV
19. Protestos Rio
20. Rafucko
21. Vinagre
22. Vinhetando
23. Voz das Ruas
24. Ligação com Freixo
25. Advogados Ativistas
26. Auto Gestão
27. Jornal A Nova Democracia
28. Anonymous Rio
29. Assembleia do Largo
30. Black Bloc RJ
31. Carranca
32. Censura Negada RJ
33. Choque de Ordem para Quem
34. Coletivo Fanfarra
35. Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas
36. CoVIL

37. Favela 247
38. Fotógrafos Ativistas
39. Gapp
40. Justiça Global
41. Linha de Frente
42. Linhas de Fuga
43. Mídia Informal
44. Nada deve parecer impossível de mudar
45. Não vai ter Copa
46. Northe Um
47. Ocupa Câmara
48. Olhar Independente
49. Operation World Cup
50. Organização Anarquista Terra e Liberdade OATL
51. Pimenta do Fuleco
52. Porque eu quis
53. Projetação
54. Rio \$urreal
55. RioRiots
56. Tavarez
57. ZUMBI
58. Comitê Popular Rio
59. DDH
60. Jornal Zona de Conflito
61. Juntos
62. Carlos Latuff
63. Real World Cup 2014
64. Revista Vírus Planetário
65. Rio On Watch
66. Rio Riots
67. Rio na Rua

A lista acima, elaborada entre 2013 e 2014, junta 67 nomes bem similares aos 73 elencados pela Polícia Civil durante a operação *Firewall* que prendeu

manifestantes na véspera da final da Copa do Mundo²¹. Esta “multidão inteligente” encontra-se no “devir Baixada”. A plataforma Rebaixada mapeia, portanto, os coletivos que lutam contra os megaeventos, constituindo-se como um “território existencial” que se atualiza durante o devir Baixada.

Há uma enorme diversidade de grupos organizados, alguns transitórios outros permanentes, denominados de coletivos ou movimentos sociais, permeáveis a ideias extremistas e a manipulações políticas, que são cooptados e instrumentalizados para agir como forças de pressão que transitam pela esfera da violência deliberada. Os manifestantes mais exaltados, em sua maioria, são oriundos desses grupos e suas ações, além de não ser espontâneas, obedecem a comandos e planejamento prévios. (POLÍCIA CIVIL, 2014)

Verificamos que grande parte dos presentes às recentes manifestações faz parte da geração Y, composta por nascidos pós 1980, considerados “nativos digitais”. Essa geração cresceu com os jogos eletrônicos, que lhes impunham desafios a serem superados. Há aí, então, uma percepção de que o aumento da repressão policial como estratégia de repressão do Estado, na verdade aumenta a mobilização social. Isto porque trata-se de uma “gamificação” dos protestos²² devido à servidão maquínica. Quanto maior o desafio, mais instigados ficam os manifestantes, que criam estratégias para vencer o grande adversário. Este ponto de vista poderia explicar a elevação da mobilização após a repressão das forças policiais. A cada “fase”, os manifestantes encontram desafios mais difíceis e se aperfeiçoam para superá-los. O compartilhamento de estratégias de ativismo é uma das consequências desse fenômeno, já que, além de superar os desafios, percebe-se a intenção de “vencer juntos o jogo”, assim como nos sites que divulgam táticas para games.

Motivação (do latim *moveres*, mover) em psicologia e também em outras ciências humanas é a condição do organismo que influencia a direção do comportamento, a orientação para um objetivo e, por isso, está relacionada a um impulso que leva à ação. Ela é por isso de extrema importância para o *Gamification* e consequentemente para soluções de aprendizagem *gamificadas*. (ALVES, 2014, p. 56)

A mídia alternativa também adota uma postura *gamificada* na medida em que atua em primeira pessoa e assume a mesma postura que um manifestante. Além

²¹ SANTOS, Arthur William. Pesquisa de mestrado no inquérito da Polícia. Acessado em 15 de agosto de 2014. Disponível em <http://rebaixada.com.br/pesquisa-de-mestrado-no-inquerito-da-policia/>.

²² Manuel Castells (2013) fala que “as imagens da violência policial ampliaram a simpatia dos cidadãos pelo movimento, assim como o reativaram”.

disso, na oposição “manifestantes x policiais”, os midialivristas ficam juntos dos primeiros por possuírem mais proximidade ideológica com os mesmos. Do outro lado, a imprensa comercial acompanha os fatos do alto de prédios e de helicópteros, sem conseguir mostrar os fatos com exatidão. Quando assumem uma ação no solo, acabam ficando do lado dos policiais, até mesmo por conta das frequentes agressões a jornalistas por parte de manifestantes. Especialmente, a mídia livre e a mídia corporativa se opõem, assim como suas coberturas.

Esse processo mostra a força da organização em rede, que podemos definir como a luta entre a biopolítica e o biopoder. De acordo com Hardt e Negri (2005), tanto o biopoder quanto a biopolítica investem na vida social em sua totalidade, mas de formas diferentes.

O biopoder situa-se acima da sociedade, transcendente, como uma autoridade soberana, e impõe a sua ordem. A produção biopolítica, em contraste, é imanente à sociedade, criando relações e formas sociais através de formas de trabalho (HARDT e NEGRI, 2005, p. 135).

- 3.2.1 Vírus Planetário

A revista Vírus Planetário foi criada em 2008 por estudantes da PUC-Rio ligados ao movimento estudantil da universidade. Seu principal articulador, Caio Amorim, foi uma das principais referências na comunicação do candidato do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) à Prefeitura do Rio em 2012, Marcelo Freixo. Desde então, a Vírus Planetário atuava como uma autoridade (RECUERO, 2009) da esquerda partidária do Rio de Janeiro.

Com muitos voluntários em todo o país, a revista mantinha uma rede de colaboradores maior do que os demais veículos alternativos da época, contudo sua principal plataforma de distribuição de informação era o meio impresso, já que seu maior meio de sobrevivência vem da venda das revistas. O coletivo também presta serviços para sindicatos e movimentos sociais, num modelo experimentado há 20 anos pelo Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC).

Entre junho de 2013 e julho de 2014, a Vírus Planetário manteve sua linha de publicações analíticas e entrevistas densas para a versão impressa. Nas mídias sociais, lançavam mão de memes e infográficos com o peso para o design de suas peças. No período, esboçou a criação de um canal no YouTube com forte referência

na Mídia NINJA e na Nova Democracia, mas a publicação de novos vídeos foi bem esparsa. A atuação da revista na internet reflete as dificuldades enfrentadas pelo Rebaixada.org, relatadas no próximo capítulo. As linhas de fuga às limitações tecnológicas geraram um blog do Wordpress e dois domínios: virusplanetario.net e virusplanetario.com.br. Quanto à servidão maquínica, a dinâmica do veículo voltada prioritariamente para a mídia impressa resultou em dificuldade para adaptação ao processo comunicacional dos protestos de 2013/2014, na medida em que lentidão na publicação, centralização da operação e quantidade de conteúdos deixaram a Vírus Planetário em posição secundária quando falamos de midiativismo no período.

3.2.2 Jornal A Nova Democracia

Também com sustentabilidade financeira dependente da assinatura de seu jornal impresso, A Nova Democracia (AND) é um veículo de linha maoísta criado em 2002. A partir da entrada do jornalista Patrick Granja em 2010, passou a produzir vídeos sobre revoltas populares.

A AND acompanhou o início da UPP e as primeiras remoções. Durante 2013 e 2014 foi o grupo que mais publicou materiais no YouTube e que teve mais visualizações somadas. Apesar da cobertura contar com colaboradores, a produção é muito dependente de uma só pessoa. Inclusive o canal do YouTube da AND tem o nome de Patrick Granja. O próprio jornalista foi detido em duas oportunidades, o que prejudicava as filmagens.

Um outro modelo de sustentabilidade foi criado pela AND: a venda de vídeos para TV estrangeiras. Como o acesso a áreas conflagradas é restrito, algumas produtoras compravam as imagens do jornal. O dinheiro arrecadado servia para pagar a equipe e comprar novos equipamentos.

Entre os grupos de midiativismo, A Nova Democracia foi o mais citado por outros coletivos, conforme sistematização do Rebaixada.org. Utilizava linguagem jornalística em seus vídeos, com OFF de repórter, passagem e sonoras: tradicionais técnicas que não foram usadas por outras iniciativas como Mídia NINJA, Rio na Rua e Rafucko.

A sede do jornal, no bairro de São Cristóvão, abrigou reuniões de midiativistas mais ligados aos manifestantes. Nestas oportunidades, discutia-se estratégias de cobertura para denunciar a violência policial e garantir o anonimato dos ativistas. O

acesso a estes encontros era limitado para evitar a interferência de outros grupos de midiativismo, os quais a AND e seus parceiros julgavam como governistas (Mídia NINJA, por exemplo).

3.2.3 Mídia NINJA

Idealizado pelo ex-editor da revista Trip, Bruno Torturra, e gestado pelo grupo Fora do Eixo, a Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) apresentou-se com a principal referência de midiativismo entre junho de 2013 e julho de 2014. Sua ação começou em São Paulo durante a manifestação de 18 de junho. O objetivo primeiro de sua criação no final de 2012 era iniciar uma seção de jornalismo da Pós TV, canal de transmissão online do Fora do Eixo, que existe desde 2011. Por meio de *streaming*, a Pós TV exibia debates e programas culturais, além de shows do seu próprio festival, o Grito Rock.

As audiências raramente passavam das dezenas de pessoas, o que perdurou para os conteúdos produzidos em formatos tradicionais como o debate. A explosão ocorreu exclusivamente nos *streamings* dos protestos, à exceção da entrevista com o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, em 19 de julho de 2013. Na ocasião, ficou claro o caráter de rede centralizada do grupo, pois mesmo pedindo perguntas e após receber 393 contribuições, os entrevistadores ignoraram a colaboração e realizaram uma entrevista tradicional com o prefeito.

Inicialmente, a Mídia NINJA destacou-se pela veiculação quase que exclusiva das manifestações graças às tecnologias eleitas para a transmissão e a rede de dados. Enquanto a maioria dos *streamings* aconteciam pela ferramenta Ustream ou Twitcam, o grupo optou pelo desconhecido Twitcasting, desenvolvido no Japão e sem tradução para o português. O Twitcasting não possuía intervalo comercial, permitia exibição gratuita para milhares de espectadores, além de funcionar a partir de smartphones simples e com internet de baixa qualidade, uma realidade muito comum no Brasil.

Outro diferencial da Mídia NINJA está no pioneiro uso da rede de internet 4G para comunicação. A recém instalada infraestrutura para a Copa das Confederações só funcionava nas cidades que sediariam jogos da competição, com destaque para Rio e São Paulo. Com a grande aglomeração de pessoas durante os protestos, a internet 3G deixava de funcionar e apenas a Mídia NINJA conseguia comunicação

ao vivo.

O modelo bem-sucedido na capital paulista ganhou força no Rio de Janeiro, tendo seu ápice durante a visita do Papa Francisco em 22 de julho de 2013, quando o repórter NINJA Filipe Peçanha (vulgo “Carioca”) foi detido enquanto transmitia ao vivo. Formou-se então uma mobilização em frente à delegacia do Catete para onde foi levado o midiativista. No mesmo dia, o Jornal Nacional, principal telejornal da maior emissora do país, veiculou a entrevista que o grupo fizera com o jovem Bruno Ferreira Telles (Imagem 6), acusado injustamente de atacar a polícia. Alguns dias depois, em 5 de agosto, o programa Roda Viva da TV Cultura de São Paulo entrevistou o grupo dando a maior visibilidade a sua atuação.

O que nos interessa é destacar o fato de a Mídia NINJA ser uma iniciativa articulada pelo Fora do Eixo dentro de uma estratégia que a organização denominou, a partir do seu 4º congresso, de “pós-marca”. Ou seja, de que as iniciativas fomentadas pelo FdE pudessem dar origem a redes autônomas. Sem dúvida, a mais expressiva ação midiática coordenada pela organização e elemento central da estratégia supramencionada de deslocamento de uma rede de produção cultural para uma plataforma de ação política em rede. (SAVAZONI, 2014, p. 126)

A centralização da coordenação pelo Fora do Eixo gerou como consequência a criação de outros coletivos compostos por dissidentes como o Carranca. O próprio idealizador Bruno Torturra deixou a Mídia NINJA para desenvolver um projeto similar, o Fluxo, em maio de 2014. Lá conseguiu experimentar os novos modelos de financiamento que buscava para o NINJA.

No Rio, esta centralização fez surgir novos coletivos alternativos e novas transmissões autônomas, já que a conta oficial da Mídia NINJA só era operada pelo Fora do Eixo. Alguns deles são: “Mídia Ninja RJ”, “Black Ninja” e “Mídia NINJA 3”, “Anarco NINJA”. Num primeiro momento, “Ninja” passou a ser conhecido mais como um modo de cobertura, contudo com a apropriação do termo pelo FdE, novos coletivos abandonaram o nome e criaram suas próprias marcas.

Com a saída de seus colaboradores, a Mídia NINJA consolidou-se como mais uma marca do Fora do Eixo, grupo liderado pelo ativista Pablo Capilé, que surgiu em 2005 na cidade de Cuiabá, com o objetivo de colocar em prática novos modelos de negócios para bandas independentes de fora das grandes metrópoles Rio e São Paulo. O FdE tem forte proximidade com o Partido dos Trabalhadores (PT), sendo responsável por eventos culturais das campanhas de Fernando Haddad à prefeitura

de São Paulo em 2012 e da reeleição da presidenta Dilma Rousseff em 2014. Tentou incidir na organização das manifestações, inclusive criando protestos próprios como o “Grito da Liberdade” (31 de outubro de 2013) e a ocupação República, esta última que ocorreria na Cinelândia durante da Copa do Mundo e que acabou acontecendo no campus Praia Vermelha da UFRJ (3 a 10 de agosto de 2014).

Após a reeleição da presidenta, pelo menos três integrantes do Fora do Eixo ocuparam cargos de confiança no Ministério da Cultura.

Imagem 6: Vídeo da Mídia NINJA foi exibido pelo Jornal Nacional



Fonte: MÍDIA NINJA, 2014

3.2.4 Rafucko

Rafael Puetter, conhecido como Rafuko, criava vídeos humorísticos para seu canal no Youtube desde 2011 principalmente com temáticas contrárias à homofobia. Em 2012, fez sucesso ao publicar uma crítica ao aumento da passagem das barcas, o que lhe rendeu uma participação em um programa do SBT. Entre 2013 e 2014, foi o principal símbolo do ativismo, uma mescla entre arte e ativismo. Teve destaque nas manifestações ao interpretar personagens, como o “Ditador Gay”, em diversos vídeos de ficção humorística.

Rafucko chegou a lançar uma falsa candidatura à presidência em 2014 como crítica ao cenário eleitoral. No YouTube, interpretou repórteres de TV, policiais militares, black blocs, o empresário Eike Batista e o prefeito Eduardo Paes. Para manter seu programa de entrevistas, buscou o financiamento coletivo (crowdfunding) para arrecadar mais de R\$ 51 mil em maio de 2014, um modelo de sustentabilidade até então inédito para o midiativismo.

O ativista foi censurado pela Globo ao fazer uma montagem com o discurso do apresentador do Jornal Nacional, William Bonner. O vídeo, que viralizou na internet, teve que ser republicado por outros canais para manter-se disponível. Este bloqueio é automático para todos que utilizam imagens e sons proprietários no YouTube, o que acaba dificultando as críticas à cobertura midiática.

Uma linha de fuga a este impedimento é dessincronizar áudio e vídeo, permitindo que o uso de imagens proprietárias não seja identificado por enquanto. Outra opção é publicar o vídeo em outras mídias sociais como Facebook, Vimeo e Daily Motion.

No carnaval de 2014, Rafael gravou paródias de famosas marchinhas, que fizeram parte do movimento “Ocupa Carnaval”, cujo objetivo era cantar músicas de protestos durante a maior festa brasileira. Os ativistas distribuíram papéis com as letras das paródias em vários blocos da zona sul e região central do Rio de Janeiro.

Outra ação de Rafucko foi a promoção de uma premiação simbólica das manifestações de 2013. Em 20 de novembro, realizou o “1º UPP - UH UH UH Prêmio de Protestos – Edição Rio de Janeiro”. As categorias eram “Melhor Ocupação”, “Melhor Grito”, “Maior Ato de Vandalismo (Molotov de Ouro)”, “Pior Manipulação”, “Maior Repressão”, “Melhor streaming/cobertura”, “Melhor Protesto Alternativo”. Como troféu, os vencedores levaram a “Pedra Portuguesa de Ouro”, material usado nos confrontos com as forças policiais.

Por conta da participação na premiação, o delegado Orlando Zaccone foi alvo de um inquérito da Polícia Civil, o qual intimou Rafucko a prestar depoimento em 24 de abril de 2014. O ativista compareceu à sede da Polícia Civil caracterizado do jornalista William Bonner da cintura para cima e de meia-calça na parte inferior do corpo. Zaccone foi responsável por desmontar a versão inicial de que o pedreiro Amarildo de Souza teria sido morto por traficantes da favela Rocinha.

3.2.5 Rio na Rua

Em razão da organização de ativistas que se encontravam nos protestos e do descontentamento com a centralização de grupos com a Mídia NINJA, a partir de julho até o final de 2013 surgiram diversos coletivos de midiativismo. Entre eles, podemos destacar: Rio na Rua, Projetação, Carranca, MIC (Mídia Independente Coletiva) e Vinhetando. Essas iniciativas surgiram da multidão inteligente, através do contato presencial e também online entre os que participavam das manifestações.

O Rio na Rua foi a de maior destaque, pois, diferentemente da Mídia NINJA, procurou compartilhar o conhecimento e a operação de suas coberturas. Lançou em 23 de julho de 2013 um manual ensinando a transmitir pelo aplicativo *Twitcasting*, até então usado exclusivamente pela seção do Fora do Eixo. Foi o primeiro grupo a lançar um site com o software livre Wordpress, reunindo os conteúdos que publicava no Facebook e no YouTube, como também um dos primeiros a realizar parcerias com outros coletivos.

No final de 2013, o Rio na Rua e outras sete iniciativas gravaram uma paródia do vídeo de final do ano da TV Globo, na Cinelândia, com a figuração de midiativistas. A edição não conta com a participação da Mídia NINJA e demonstra a existência de três grandes grupos entre os midiativistas. O primeiro ligado aos manifestantes mais radicais (encabeçado pela AND), o segundo composto por setores da esquerda governista (liderado pela Mídia NINJA) e outro por jovens da zona sul (tendo o Rio na Rua como referência).

A experiência aberta do Rio na Rua gerou novos coletivos e midiativistas individuais que criavam sua própria narrativas em primeira pessoa na transmissão ao vivo dos acontecimentos.

Quanto à sustentabilidade financeira, o Rio na Rua e demais coletivos citados neste tópico dependiam quase que exclusivamente da disponibilidade de tempo e dos equipamentos de seus integrantes, em sua maioria jovens de famílias de alta renda.

3.2.6 Rede Alternativa

A Rede Alternativa foi o primeiro coletivo midiativista criado pós junho de 2013 para cobrir os protestos. Reunião de jornais comunitários, movimento estudantil de comunicação e jornalistas de sindicatos e movimentos sociais, é a reconfiguração do grupo “Comunicadores Comunitários”, cujos integrantes venceram a eleição para a

diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro em 19 de julho de 2013.

Em junho, durante a campanha para o sindicato, os Comunicadores Populares identificaram a necessidade de pensar e organizar uma cobertura das manifestações, principalmente depois da forte repressão policial à imprensa. A ideia de criar um novo nome veio à tona para preservar a organização anterior e ampliar a mobilização para novos parceiros.

Naquele momento, a Mídia NINJA buscava seus primeiros parceiros no Rio de Janeiro e a Alternativa já contava com importantes integrantes como O Cidadão da Maré, Intervenções, ENECOS e diretores do sindicato. A partir de julho, o sindicato passou a receber reuniões de midiativistas para organização da cobertura, além de ser ponto de apoio a estes coletivos. A forte polarização da representação da categoria com a imprensa comercial gerou acusações de que o sindicato protegeria “black blocs”, situação agravada com a morte do cinegrafista da TV Bandeirantes no início de 2014.

Pela contradição óbvia, a organização fortemente influenciada pela dinâmica sindical e por um partido político (PSOL) dificultou sua atuação em rede. A Rede Alternativa também teve suas plenárias esvaziadas pela Mídia NINJA, que marcou algumas de suas reuniões no mesmo dia e no mesmo horário. Outra questão foi a manutenção de uma rede constante devido à quase impossibilidade de consenso entre seus integrantes. Até mesmo dia e local de encontros presenciais foram alvo de polêmica, o que acabou por desgastar a relação.

Não foram mais convocadas reuniões em 2013 e o site saiu do ar por falta de pagamento em junho de 2014. A página do Facebook, que era administrada por mais de uma dezena de pessoas, passou a apenas compartilhar notícias de outros coletivos ligados ao Partido Socialismo e Liberdade, razão pela qual não foi incluída no site Rebaixada.org.

3.2.7 OcupaCarnaval

Movimento que surgiu no carnaval de 2014 com a reunião de blocos e coletivos artistas, o OcupaCarnaval fez paródias de famosas marchinhas com letras relacionadas às pautas dos protestos de 2013. O movimento organizou um desfile próprio, a ‘Cabralhada’ na Praça XV, em 27 de fevereiro de 2014, mas sua principal ação foi a distribuição de cópias impressas com as letras das paródias em

diversos blocos do Rio de Janeiro. O objetivo era fazer com que os foliões cantassem as paródias num maior número de desfiles.

O canal do YouTube do movimento publicou dez vídeos com as seguintes músicas:

- Turma do Funil
- Bandeira Branca
- Máscara Negra
- Índio quer apito
- Saca-rolha
- Marcha do Remador
- Maria Sapatão
- Bola Preta
- Alalaô
- Tourada em Madri

Ao final do Carnaval, o Ocupa Carnaval se uniu aos blocos ‘Nada Deve Parecer Impossível de Mudar’ e ‘Comuna Que Pariu’ para organizar o ‘BlocAto’, um cortejo entre a praça Saens Peña e o estádio do Maracanã. Os organizadores pediram que os presentes fossem com camisas laranjas em homenagem aos garis que estavam em greve.

A manifestação ocorreu no dia 9 de março, mas a greve dos garis terminou no dia 8. Cabe ressaltar que o bloco ‘Comuna que Pariu’ é ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Já o ‘Nada Deve Parecer Impossível de Mudar’ é liderado por filiados ao PSOL.

Algumas marchinhas do OcupaCarnaval foram dramatizadas em um vídeo do ativista Rafucko, publicado em 26 de fevereiro de 2014.

3.2.8 NPC

O Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) é uma organização de formação de sindicalistas e comunicadores populares. Em funcionamento desde 1992, ajudou a formar ativistas que tiveram relevante papel nos protestos a partir de junho de 2013, principalmente os oriundos de favelas como Gizele Martins e Renata Souza, do jornal ‘O Cidadão’ da Maré, além de Jane Nascimento, liderança da Vila Autódromo. Entre seus colaboradores está o cartunista Carlos Latuff.

O NPC era coordenado pela jornalista sindical Claudia Santiago e pelo escritor italiano Vito Giannotti, autor de diversos livros sobre movimentos sociais. Apesar da formação dentro dos preceitos tradicionais do ativismo social, seus cursos proporcionaram encontros entre velhos e os novos coletivos, resultando num aprendizado conjunto dos dois grupos durante o contexto dos megaeventos.

3.2.9 Advogados Ativistas

Grupo de advogados que atuava durante as manifestações garantindo os direitos dos ativistas presentes. Em geral, evitavam detenções irregulares por parte da Polícia Militar, além de acompanhar os manifestantes detidos na delegacia, atuando para sua soltura.

Entre 2013 e 2014, lançaram duas edições do “Manual Prático do Manifestante” com orientações jurídicas aos manifestantes. O grupo iniciou sua atuação em São Paulo.

3.2.10 DDH

Com presença no Rio de Janeiro, o Instituto dos Defensores de Direitos Humanos (DDH) reunia advogados remunerados e voluntários com o objetivo de prestar assistência jurídica aos manifestantes detidos. O instituto trabalhou na defesa do ex-catador Rafael Braga Viera, preso em 20 de junho de 2013 com uma garrafa de desinfetante, material interpretado pelos policiais como potencial explosivo.

O DDH divulgou o relatório da Operação Firewall (ANEXO III) com a lista dos grupos acusados de organizarem as manifestações entre 2013 e 2014, dentre os quais o robô Rebaixada.

3.2.11 Nada deve parecer impossível de mudar

Criado em 2012 com a frase do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, o coletivo ficou famoso com as camisas usadas pelos então candidatos à prefeito e vice-prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Freixo e Marcelo Yuka, respectivamente. Com forte ligação com o PSOL, teve a ludicidade como uma de suas principais ações.

Sua banda de percussão se apresentou em diversas manifestações entre 2013 e 2014.

3.2.12 Projeção

Coletivo que promoveu a projeção de palavras de ordem e imagens de protesto em prédios públicos e locais de visibilidade. O grupo utilizava um projetor ligado a um gerador para ganhar curtidas e compartilhamentos nas redes sociais a partir da viralização de fotos com suas projeções, a exemplo da pergunta “Cadê o Amarildo?” na fachada do prédio do então governador Sérgio Cabral Filho.

3.2.13 Carlos Latuff

Desenhista que criou charges que viralizaram durante as manifestações brasileiras entre 2013 e 2014, além dos protestos da Primavera Árabe no Egito.

3.2.14 Rio \$urreal

Página que denunciava preços abusivos de serviços e produtos no Rio de Janeiro, propondo o boicote de empresas que praticavam tais atos.

4 PLATAFORMA REBAIXADA

4.1 Laboratório

A criação do acervo no Rebaixada abriu a possibilidade para a indexação das informações pela ferramenta de pesquisa do Google pelo fato de a maioria dos conteúdos estar limitada ao “jardim murado” do Facebook. Além disso, é possível realizar uma busca interna no site, fugindo da hierarquia definida por uma empresa privada por meio de algoritmos.

Inicialmente, a pesquisa buscou experimentar tecnologias utilizadas nas recentes manifestações do Brasil, do Egito e da Espanha, listadas pelo pesquisador Pablo de Soto no site “Mapping the Commons”²³. Foram organizadas dez oficinas no Laboratório de Informática da UERJ em Duque de Caxias (Imagem 7) e duas no Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro. Os encontros começaram no dia 8 de outubro de 2013 e terminaram em 17 de dezembro do mesmo ano. A cada reunião, um tema era abordado e, com base nas referências de outros países, o grupo produzia uma aplicação em laboratório.

Imagem 7: Participantes da oficina no laboratório do Rebaixada



Fonte: Foto do autor, 2013

²³ <http://mappingthecommons.net/>

Os perfis dos participantes dos dois espaços foram bem diferentes. Na UERJ, a turma era formada por estudantes de Pedagogia, colegas de Mestrado, graduandos em Publicidade da UNIGRANRIO (universidade privada da cidade), além de ativistas da região como, por exemplo, Bruno Ferreira Teles, jovem morador de Duque de Caxias que foi preso durante a manifestação da visita do Papa Francisco ao Rio de Janeiro em 22 de julho de 2013. Já entre os participantes do Rio de Janeiro havia mais ativistas, como Gizele Martins (jornal O Cidadão da Maré) e Carlos D (Batman Pobre). Outros acompanhavam de casa, pois as reuniões eram transmitidas pela internet com o serviço de streaming do Google, o *Hangout*.

4.2 Desenvolvimento

O primeiro projeto foi a construção de uma plataforma livre que funcionasse como um hub de produção periférica. Aí nasceu o site "www.Rebaixada.org". No dia 8 de outubro, criamos um site em *Wordpress* e um blog para cada presente. A escolha do *Wordpress* aconteceu por ser software livre e por sua facilidade de uso. Durante este experimento, encontramos a primeira dificuldade: a queda do servidor de hospedagem. Como 20 pessoas subiam simultaneamente arquivos via FTP (protocolo de transferência de arquivos na internet), involuntariamente o Rebaixada simulou um dos ataques mais comuns, o de negação de serviço (DNS). Este tipo de tática muito usual para tirar do ar páginas da web e é feito através do acesso simultâneo massivo, resultando na incapacidade do servidor de processar uma grande quantidade de solicitações de acesso a seus arquivos. A partir desse primeiro problema, resolvemos mudar a plataforma para um servidor com maior capacidade, o que minimizou tal problema em experimentos posteriores.

Imagem 8: Cartaz de divulgação das oficinas do Rebaixada.



Fonte: Foto do autor, 2013.

Com o site criado, a segunda oficina abordou as possibilidades de transmissão ao vivo pela internet. Desde aí, as atividades eram acompanhadas por qualquer interessado. Os participantes presenciais (Rio e Caxias) e à distância iniciaram a troca de informações por meio de um grupo criado na rede social *Facebook*. Apesar do ambiente de interação unificado, havia pouca conexão entre os três universos abrigados: Rio, Caxias e quem acompanhava pelo *streaming*. O grupo carioca buscava mais informações sobre aplicações para pôr em prática nas manifestações. O grupo de Caxias tinha o interesse majoritário de reunir conhecimento para a vida acadêmica. Já os que assistiam pela internet demonstravam necessitar de mais dicas para agregar valor profissionalmente. Por

esse motivo, a relação no grupo do *Facebook* refletia muito mais uma rede centralizada, onde os nós têm ligação apenas com o ponto central, que neste caso era este pesquisador.

A rede, portanto, dependia da interlocução deste autor com os demais, enviando informações e recebendo comentários direcionados apenas a ele. Não havia interação entre os demais integrantes. Deste modo, o *Facebook* serviu apenas à convocação para os encontros, numa relação majoritariamente unidirecional, ponto-massa, dinâmica similar a da comunicação eletrônica, como rádio e televisão.

A relação de dependência ao pesquisador mostrou mais força em Caxias. Dos 17 blogs criados durante a oficina, quatro continuaram publicando notícias até dezembro de 2013. Em 2014, nenhum deles foi atualizado.

O terceiro encontro teve como tema ‘mapeamento’ e contou com duas datas, uma no Rio e outra em Caxias. Na da Baixada Fluminense, os participantes criaram um mapa com as câmeras de trânsito do Rio de Janeiro e com as câmeras instaladas nas residências de caxienses voluntários que participaram da oficina de *streaming*. A ideia era fazer um “*mashup*”, ou seja, produzir um aplicativo a partir da mistura de outros. A mesma intenção surgiu no Rio, demandada pelo desligamento das câmeras da Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro (CET-Rio). As imagens destes equipamentos ajudariam na tomada de decisão para o rumo das passeatas, na medida em que possibilitam uma visão mais ampla dos acontecimentos de uma grande manifestação. O Sindicato dos Jornalistas se dispôs a adquirir o dispositivo para instalação na varanda de sua sede, com vista para a Cinelândia, mas acabou não fazendo.

Ainda na UERJ, surgiu a ideia de se criar um mapa com as rádios comunitárias de todo o mundo. A aluna do mestrado Claudia Arango apresentava um programa da Rádio Kaxinawá, emissora comunitária sediada no campus da universidade em Caxias. A estação possui um transmissor com potência suficiente para alcançar bairros próximos como Ilha do Governador e Maré, mas insuficiente para levar o sinal à Colômbia, país de origem da comunicadora. Por esta razão, testamos em laboratório a ferramenta “Dissonante.org”, serviço da Universidade de Brasília (UnB), o qual fornece *streaming* gratuito para projetos sem fins lucrativos.

Contudo, o *streaming* não bastava. Era fundamental promover as conexões necessárias para que a Rádio Kaxinawá fosse incluída numa rede, relação diferente da radiodifusão (migração do midialivrisimo de massa para o midialivrisimo

ciberativista). Deste modo, criamos um mapa com esta e outras 63 rádios de 17 países. A pesquisa utilizou estações que já faziam parte de alguma rede de rádios como o Rizoma de Rádios Livres e a Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC). O trabalho foi além e gerou uma versão do mapa em forma de aplicativo para celular, de nome *RadCom* (Imagem 9). Este aplicativo ganhou repercussão mundial e foi divulgado espontaneamente pelas próprias rádios livres e comunitárias participantes.

Imagem 9: Aplicativo RadCom foi desenvolvido para Android e iOS.



Fonte: Foto do autor, 2014

Todos os mapas trabalhados rodavam o tema “Mapa de Vistas”, um *plugin* que transforma o *Wordpress* em um mapa. A ferramenta foi desenvolvida pelo *HackLab*, grupo de ativistas brasileiros, e implementada em diversos projetos de cultura digital. A partir da oficina realizada no Rio de Janeiro, outros mapas foram criados por participantes em seus projetos. O pesquisador espanhol Pablo de Soto lançou a visualização geográfica do *Mapeando o Bem Comum*²⁴, a comunicadora popular Glaucia Marinho desenvolveu um mapa de ocupações no Rio de Janeiro e integrantes ligados ao gabinete do vereador Eliomar Coelho produziram um Mapa Crítico dos gastos com obras na capital²⁵.

Com a quantidade de projetos nascidos do Rebaixada, os planejamentos das demais oficinas não saíram do papel. Durante o encontro sobre “games de ativismo”,

²⁴ <http://riodejaneiro.mappingthecommons.net/>

²⁵ <http://mapacritico.com.br/site/>

o artista Carlos D rascunhou o roteiro de um jogo eletrônico sobre seu principal personagem, o “Batman Pobre”, uma versão do Batman feita com sacos de lixo pretos. Neste caso, só foi possível realizar uma versão simples de um game para modelo baseado em um desenho do chargista Carlos Latuff²⁶. O jogo era um duelo entre um *Black Bloc* e o *Fuleco*, mascote da *Copa do Mundo* de 2014, na verdade uma representação de um acontecimento durante um protesto em Porto Alegre, quando os manifestantes furaram um boneco inflável em plena praça pública.

Na oficina de edição de vídeo, apareceu uma questão sobre a hospedagem desse material. O principal serviço de distribuição de audiovisual na internet é o *YouTube*, propriedade de empresa *Google*. Sendo assim, a quase totalidade dos vídeos produzidos pelos ativistas presentes às manifestações estava arquivada exclusivamente no *YouTube*. Isso significa dizer que o *Google* possuía total controle sobre os relatos dos protestos, uma vez que pode apagar estes arquivos por inúmeros motivos. Um deles é o fechamento da ferramenta, como ocorrido com MSN e Orkut, só para citar alguns exemplos recentes. Outro é o interesse da empresa em censurar determinado conteúdo, como ocorrido com o ativista Rafuko²⁷.

Buscando preservar o acervo multimídia produzido durante os atos políticos, o Rebaixada começou a experimentar tecnologias dentro do próprio Wordpress. A primeira delas gerava uma cópia do título, da descrição e da imagem (*thumbnail*) dos vídeos do *YouTube*. Como os arquivos de vídeos são pesados, a cópia integral deles ficou para uma segunda etapa, que nunca aconteceu por limitação do servidor de hospedagem.

Verificou-se durante a pesquisa que este processo é muito mais profundo na rede social *Facebook*, isso porque trata-se de uma ferramenta que adota uma postura de “jardim murado” (DANTAS, 2014). Tal fato dificulta a busca por fotos e textos sobre as manifestações, além de não garantir a preservação histórica deste material por sites como o “Way Back Machine / Internet Archive”²⁸, que salva cópias de páginas da web.

Por ser uma plataforma fechada, o *Facebook* apresenta poucos recursos de integração com outros serviços. Foram testadas ferramentas gratuitas e pagas, mas nenhuma proporcionou o resultado esperado, principalmente por não manterem uma

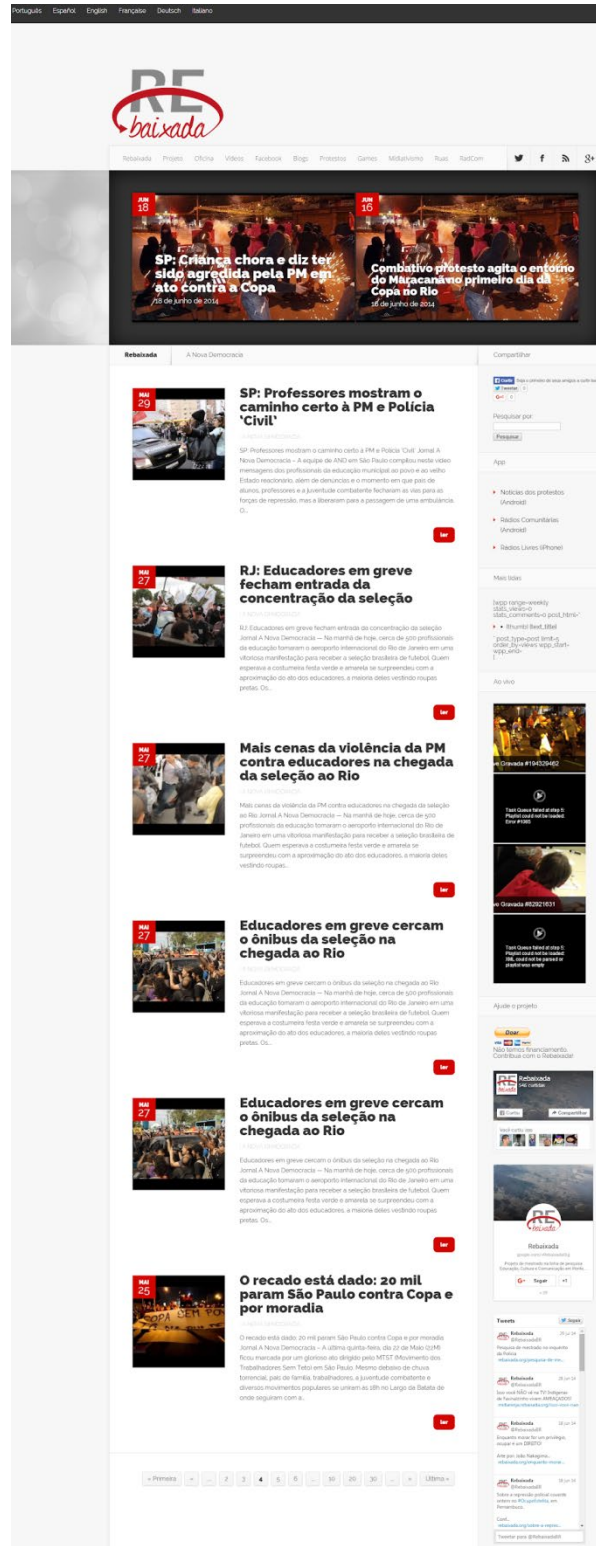
²⁶ <http://rebaixada.com.br/games/>

²⁷ <http://rebaixada.com.br/como-a-globo-bloqueia-videos-no-youtube/>

²⁸ <http://archive.org/web/>

cópia dos conteúdos publicados no *Facebook*.

Imagem 10: Aspecto geral do site Rebaixada.org.



Fonte: Foto do autor, 2014

A solução definitiva só foi encontrada no dia 14 de dezembro, quando o

projeto Rebaixada foi apresentado no 1º Encontro de Videoativismo, realizado no DCE da UFRJ. A atividade discutiu desafios para os coletivos que trabalhavam com vídeo nos protestos. Através da troca de informações com o ciberativista Adriano Belisário, o Rebaixada passou a experimentar o uso do RSS, uma linguagem aberta que permitiria a integração do Facebook com o site Rebaixada. Após alguns testes bem sucedidos, o sistema iniciou o armazenamento²⁹ de grande volume de dados do *Facebook*, do *YouTube*, de *blogs* e *sites* de coletivos de midiativismo. Alguns meses depois, Adriano Belisário desenvolveu o *AGREGA.LA*, sistema bem similar ao deste projeto.

A solução estava no *plugin (add on)* “RSS Import”, criado pela comunidade de desenvolvedores do Wordpress dentro uma dinâmica que Henrique Antoun (2008) chama de “addonomics”. O fato do Wordpress ser software livre de código aberto permite que sejam desenvolvidas melhorias específicas, os chamados *plugins* ou *addons*. Boa parte da inovação de software acontece a partir desses *plugins*.

4.3 Resultados

O Rebaixada agregou 25.246 conteúdos, entre fotos, vídeos e textos de 99 fontes. Foram mapeados 13 blogs, 40 páginas do Facebook e 46 canais do YouTube. A ferramenta funcionou até 18 de junho de 2014, fase inicial da Copa da Mundo, momento em que houve uma grande produção de informações por parte desses coletivos e quando o site recebia muitos acessos.

Blogs:

- Auto Gestão
- Comitê Popular Rio
- DDH
- Jornal A Nova Democracia
- Jornal Zona de Conflito
- Juntos
- Latuff

²⁹ <http://rebaixada.com.br/acervo-de-fotos-dos-protestos-publicadas-no-facebook/>

- Real World Cup 2014
- Revista Vírus Planetário
- Rio On Watch
- Rio Riots
- RionaRua
- RioOnWatch

Facebook:

- #LigaçãocomFreixo
- Advogados Ativistas
- AND
- Anonymous Rio
- Assembleia do Largo
- Black Bloc RJ
- Carranca
- Censura Negada RJ
- Choque de Ordem para Quem
- Coletivo Fanfarra
- Coletivo Vinhetando
- Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas
- CoVIL
- DasLutas
- Favela 247
- Fotógrafos Ativistas
- Gapp
- Justiça Global
- Linha de Frente
- Linhas de Fuga
- MIC
- Mídia Informal
- MídiaNINJA
- Nada deve parecer impossível de mudar
- Não vai ter Copa

- Northe Um
- Ocupa Câmara
- Olhar Independente
- Operation World Cup
- Organização Anarquista Terra e Liberdade OATL
- Pimenta do Fuleco
- Porque eu quis
- Projetação
- Rio \$urreal
- RionaRua
- RioRiots
- Tavarez
- VírusPlanetário
- Zona de Conflito Mídia
- ZUMBI

YouTube:

- OcupaCarnaval
- A Nova Democracia
- Alfa Beto
- Anonymous Brasil
- Carlos Latuff
- Coletivo Carranca
- Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas
- Das Lutas
- Jornal Opinião de Brasileiro
- Justiça Global Brasil
- Linha de Frente Audiovisual
- Los Vânda
- Marcelo Freixo
- Mariachi
- Mídia Gedai
- Mídia Independente Coletiva

- Mídia NINJA
- MídiaInformal
- Multidão Web
- NPC
- Pós TV
- Protestos Rio
- Rafucko
- Rio na Rua
- Vinagre
- Vinhetando
- Vírus Planetário
- Voz das Ruas

Por conta da quantidade de acessos e do volume de novos conteúdos, o servidor impôs um limite para o experimento, o qual teve que ser finalizado. Havia a possibilidade de aumentar a capacidade de processamento do computador que hospeda o site, através da contratação de um servidor dedicado, contudo o custo era 900% maior que o anterior.

Mesmo com a interrupção do *web scraping*, o servidor ficou instável, saindo do ar em várias oportunidades durante horas seguidas. Para preservar o trabalho, foi criada uma cópia dos arquivos em outro servidor e com outro domínio, o “www.rebaixada.com.br”. A ação de espelhamento é muito utilizada para manter informações disponíveis quando há lotação de algum servidor, impedimento jurídico em algum país ou para agilizar o acesso pela proximidade com o usuário final.

Contudo, o espelhamento foi parcial, pois o servidor espelhado não conseguia receber a enorme quantidade de dados do rebaixada.org. Houve ainda problemas de codificação nos textos, prejudicando a exibição de acentos e caracteres especiais, muito comuns na língua portuguesa.

A manutenção do site Rebaixada careceu de cuidados técnicos e administrativos. O pagamento do servidor e do domínio estão entre eles. Em 2014, o site saiu do ar durante um mês por falta de pagamento do domínio e em 2015 o mesmo correu pelo esquecimento do pagamento do servidor. Aparentemente menos importante, este problema ocasionou a perda de todos os dados armazenados pela ferramenta Agrega.la, similar ao Rebaixada.org. Por esquecer de pagar o servidor,

tiveram as informações apagadas da internet, sem possibilidade de recuperação pois não havia nenhum espelhamento ou cópia local dos arquivos.

Apesar de suas limitações tecnológicas e financeiras, o Rebaixada conseguiu relevância na rede por processar informações de 99 fontes, armazenar e publicá-las no microblog Twitter. Ao pesquisar diversos temas relativos às manifestações, os primeiros resultados da busca do Google frequentemente exibiam um link do projeto.

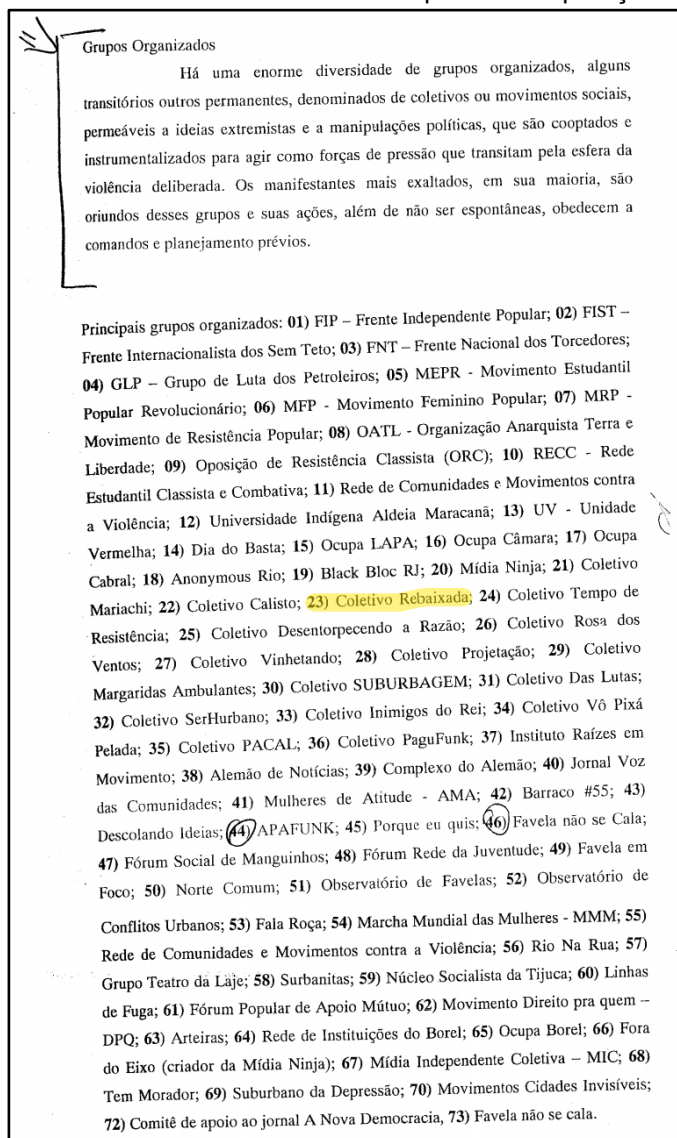
Tal fenômeno também ocorreu por meio das buscas em outros idiomas pelo fato de haver uma funcionalidade de tradução automática de texto. Todas as publicações das 99 fontes ganhavam cópias traduzidas em espanhol, inglês e francês, fazendo com que fossem acessadas por usuários de 191 países.

Por conta de sua relevância na rede, o Hub Rebaixada chegou a ser confundido com uma autoridade³⁰ em alguns momentos. O primeiro caso ficou visível nos comentários de determinados usuários. No texto, davam a entender que pensavam se tratar de notícias autorais. Mesmo entendimento teve a Polícia Civil do Rio de Janeiro ao incluir o projeto Rebaixada entre os 73 coletivos que são, segundo o relatório da operação Firewall (Imagem 11), “instrumentalizados para agir como forças de pressão que transitam pela esfera da violência deliberada”³¹. Na véspera da final da Copa do Mundo, a Operação Firewall levou à prisão, 19 ativistas.

³⁰ SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Cartografia de espaços híbridos: As manifestações de Junho de 2013. Acessado em 15 de outubro de 2014. Disponível em <http://interagentes.net/?p=62>

³¹ <http://rebaixada.com.br/pesquisa-de-mestrado-no-inquerito-da-policia/>

Imagem 11: Rebaixada está listado no inquérito da Operação Firewall.



Fonte: RIO DE JANEIRO, 2014

Isso porque a própria máquina técnica Rebaixada produzia subjetividade. Para a polícia, não houve diferença entre a ação de uma máquina e de uma pessoa. Nas eleições de 2014, máquinas foram usadas no processo de subjetivação com o objetivo de influenciar eleitores³². Chamados de “BOTS”, os robôs publicam sozinhos confundindo-se com pessoas e gerando grande volume de informações para

³² FOLHA DE S. PAULO. Análise das redes sociais mostra que perfis falsos influenciaram discussão na web. Acessado em 19 de outubro de 2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1524593-analise-das-redes-sociais-mostra-que-perfis-falsos-influenciaram-discussao-na-web.shtml>

interferir na luta travada entre as diversas posições em questão.

A plataforma Rebaixada foi confundida com um coletivo midiativista, apesar de exibir em local de destaque a explicação de que tratava-se de um projeto de pesquisa acadêmica e de um robô que coletava as informações disponíveis na internet. É o que Lazzarato (2014) diz ao afirmar que “humanos e não-humanos funcionam como partes componentes no agenciamento”.

Para Sérgio Amadeu da Silveira (2014), o software está na raiz da mediação entre a multidão inteligente.

A sociedade de controle é fundamentalmente informacional, digital e cibernética. O capitalismo cognitivo em suas redes distribuídas organiza uma biopolítica de modulação que permite remunerar o capital e reproduzi-lo a partir do processo científico e tecnológico. Nesse complexo contexto, se organizam as resistências, e práticas de enfrentamento e criação são forçadas. As disputas tecnológicas atuais são disputas cada vez mais políticas. (SILVEIRA, 2014, p. 28)

Há nesta relação uma situação de controle sobre a servidão maquínica: protocolos, formatos, linguagens, rastros de navegação, acesso e patentes (Imagem 12) atuando como linhas de força que mantêm os midiativistas numa sujeição social em relação aos grandes grupos de mídia do capitalismo cognitivo. “A mediação tinha fugido da mão dos grandes mediadores e agora estava embutida no código das interfaces através dos protocolos” (ANTOUN, 2008, p. 12).

Imagem 12: Tipos de controle do software na multidão inteligente

TIPO	FINALIDADE
Protocolos	Controlam a comunicação em rede e as arquiteturas de informação.
Formatos	Controlam a memória e o modo de acessá-la.
Linguagens de Programação	Controlam os modos de ver e organizar a inteligência e os desejos.
Rastros de Navegação	São a base do controle de tudo que fazemos no ciberespaço.
Acesso	Técnicas de bloqueio e permissão de uso ou navegação em plataformas e tecnologias informacionais.
Patentes	Visam o controle da codificação genética e de inúmeros <i>softwares</i> e algoritmos.

Temendo algum tipo de represália pelo papel do Rebaixada no relatório da Operação Firewall, o pesquisador retirou seus dados do serviço de registro de domínios e os substituiu pelas informações do Laborav, laboratório da UERJ/FEBF no qual o projeto foi desenvolvido.

4.4 Dados

Das 25.246 publicações no site Rebaixada, 33.649 imagens foram arquivadas. Isso mostra que imagens foram o principal material das coberturas, utilizando linguagens variadas como: fotografias, álbuns, memes e infográficos.

Do total, 20.683 publicações continham hashtags, palavras-chave que ajudavam na criação de uma rede a partir destes elos de ligação. A #NãoVaiTerCopa foi citada em 510 posts. Outra prova de que o Rebaixada foi o hub da multidão inteligente é a baixa presença de hashtags utilizadas por grupos conservadores como #OGiganteAcordou (5), #VempraRua (6) e #ForaDilma (1).

Foram 20 mil publicações no Twitter em português, sendo 305 vídeos. As demais línguas (inglês, espanhol e francês) apresentam menor quantidade, pois o sistema de publicação automático foi criado depois. Outro fator é que foram desativados primeiramente devido à sobrecarga do servidor.

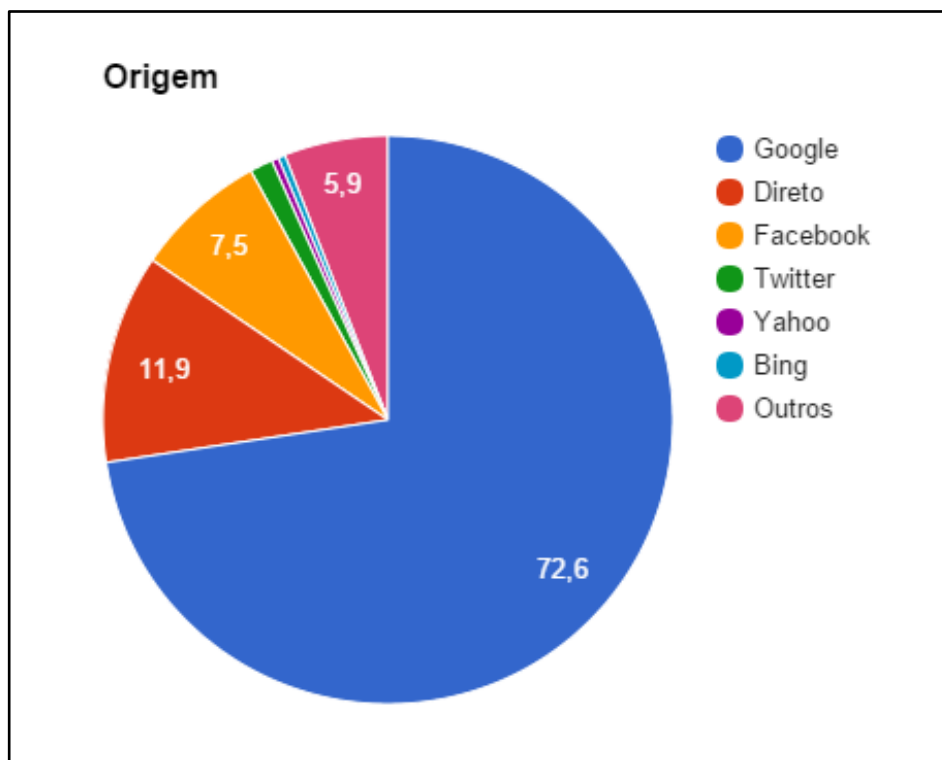
Twitter	Publicações*	Seguidores
Português	20.000	133
Inglês	10.500	16
Espanhol	10.600	15
Francês	10.100	1

* Valor aproximado fornecido pelo Twitter.

Quanto ao site Rebaixada.org, as informações analíticas (Imagem 13) indicam a dependência de sistemas como Facebook e Google. Eles responderam pela maioria das origens ao site, o que evidencia uma clara mediação pelos algoritmos

dessas duas empresas. Eles têm o poder de aumentar ou diminuir o acesso a determinados sites da internet. A busca do Google pode punir um site se identificar nele técnicas artificiais para ter mais relevância. Conhecida como “Black Hat”, essa punição resulta, em alguns casos, na exclusão temporária dos resultados de pesquisa.

Imagem 13: Gráfico com a origem dos acessos ao site Rebaixada.org.



Fonte: Foto do autor, 2015

Foi justamente o que ocorreu com o Rebaixada quando houve necessidade de replicação de servidor e de domínio. A recomendação é de aviso da alteração por meio de códigos, o que não foi feito. A criação do espelho “rebaixada.com.br” foi uma ação condenada pelo Google, o que acabou por reduzir sua relevância nas buscas orgânicas.

O Facebook, por sua vez, mudou a estrutura de seu RSS, diminuindo o tamanho das imagens, o que prejudica o *web scraping*, prática desempenhada pelo hub Rebaixada. Além disso, a rede social de Mark Zuckerberg reduz a visibilidade de links externos para evitar que os usuários saiam de seus domínios. Isso ocasiona na diminuição dos acessos a conteúdos do Rebaixada, que estavam exclusivamente no

site.

Do total de acessos do Brasil, 41,23% eram do estado do Rio de Janeiro, demonstrando o foco nos grupos cariocas. As palavras mais usadas pelos coletivos de midiativismo foram: Copa do Mundo, PM, FIFA e UPP.

Na comparação entre os coletivos, “Nova Democracia” teve mais citações que a “Mídia NINJA”, por exemplo, o que corrobora a atuação do grupo do Fora do Eixo menos como hub e mais como autoridade, porém com o agravante de que a rede centralizada que desempenhavam tinha pouco efetividade com os demais coletivos. Em outras palavras, a Mídia NINJA publicou muitas informações, porém interagiu muito pouco com os principais midiativistas.

Entre as páginas mais vistas no site figuram as que possuem imagens. A primeira, com mais de 20 mil visualizações, é uma publicação do “Coletivo Fanfarra” de 5 de março de 2014 com uma foto do contracheque de um gari da Comlurb, quando a categoria estava em greve durante o Carnaval carioca. A foto teve mais destaque do que a própria página inicial do Rebaixada, que contabilizou 19922 acessos.

O terceiro maior acesso vem da notícia, traduzida para o inglês, de um jornalista dinamarquês que teria desistido de cobrir a Copa do Mundo por conta das remoções e demais ações de gentrificação. O post original do perfil “Nada Deve Parecer Impossível de Mudar” no Facebook teve apenas 5 compartilhamentos e 14 curtidas, mas a tradução automática do Rebaixada proporcionou que a informação tivesse destaque para outros públicos (6.597 pessoas).

A capa da revista Veja com o rosto estampado da ativista Elisa Quadros, conhecida como “Sininho”, foi a quarta mais vista. Originalmente, a publicação da Mídia Independente Coletiva (MIC) de 15 de fevereiro de 2014 apresentou 409 compartilhamentos e 140 comentários. Na plataforma Rebaixada, foi acessada 6.029 vezes.

Entre os 50 posts mais populares, a ativista Sininho foi alvo de 10% deles. Apesar de pouca centralidade nas manifestações, foi alçada pela mídia como líder dos protestos, o que justifica a visibilidade de notícias envolvendo seu nome. Em 12 julho de 2014, estava na lista de procurados pela Polícia por sua participação nos protestos.

No inquérito da Operação Firewall, as provas contra Elisa Quadros foram justamente as notícias veiculadas pela imprensa tradicional e pelos midiativistas.

Inclusive, a própria capa da revista Veja é nada mais que um *frame* de um vídeo do grupo MIC sobre a prisão coletiva de mais de 100 manifestantes durante o protesto do dia 15 de outubro no Dia do professor. O vídeo criticava a aplicação da Lei 12.850, aprovada em agosto de 2013 e que criminalizava os atos políticos, além da ilegalidade da ação policial na ocasião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capitalismo cognitivo, há um processo constante de caosmose. As linhas de fuga são capturadas num desterritorializar e territorializar ao infinito, o que não aponta saída clara³³, mas sim subjetivações maquínicas ora libertárias, ora controladoras.

As micropolíticas geram fendas que rompem com o capitalismo mas deságuam em sua nova versão pós mutação subjetiva. No caso do Brasil, verifica-se uma transição do capitalismo industrial para o capitalismo cognitivo. As estruturas do primeiro sistema estão em crise: veículos de comunicação tradicionais (rádio, TV e jornal) e democracia representativa.

Como foco deste estudo, a comunicação apresentou um choque entre o velho e o novo. Redes centralizadas em oposição a redes distribuídas ou mesmo descentralizadas. Como em toda transição, as duas formas coexistem, contudo é possível afirmar que a segunda tende à hegemonia. Os pontos de vista, as plataformas tecnológicas, as singularidades envolvidas: tudo é diferente entre elas. Não há pactuação, mas sim uma produção de subjetividade na interseção desses dois.

Outro ponto diz respeito à democracia direta. As atuais tecnologias digitais permitem uma participação social sem intermediários, por isso a forte crítica a instituições representativas como a Câmara dos Deputados. Num cenário que vislumbra a democracia direta, a mediação da mídia também é contestada, por isso há uma proliferação de veículos de comunicação na transição da “mídia de massa” para a “massa de mídias”.

Existe porém uma “servidão maquínica” que interfere na produção de subjetividade e estabelece controle às linhas de fuga. O uso de redes sociais proprietárias como o *Facebook* mostra que a linha de fuga à mídia tradicional é capturada pela nova mídia do capitalismo cognitivo. E como diz Lazzarato (2014), estes “maquinismos invadiram nossas vidas cotidianas e agora assistem nossos modos de falar, ouvir, ver, escrever e sentir”.

Isso quer dizer que a produção de uma máquina técnica como a plataforma

³³ Lazzarato (2014): “Temos, na realidade, uma proliferação de experimentações políticas que nascem tão rapidamente quanto morrem porque são incapazes de desencadear os modos de uma subjetivação macropolítica, reprodutível e generalizável”.

Rebaixada avançou no rompimento da propriedade e dos fins lucrativos do *Facebook*, mas ainda assim é transpassada por linhas de força que limitam seu potencial. A atualização da potência nunca se dá por completo, pois há mutações na subjetivação que transformam a realidade. Como diz Sérgio Amadeu da Silveira, “nada que se faça nas redes foge do controle dessas classes virtuais, capitalistas da propriedade imaterial” (SILVEIRA, 2012, p. 289).

Mesmo sendo baseada no *software* livre *Wordpress*, o Rebaixada estava instalado em um servidor limitado. Para aumentar esse limite, era preciso gastar mais dinheiro, numa relação estritamente capitalista. Outro ponto é que o domínio da plataforma (www.Rebaixada.org) encontrava-se em nome do pesquisador, ou seja, mesmo utilizando linguagem e protocolos abertos (PHP, RSS, Wordpress e HTTP), o site era propriedade privada. A atualização era colaborativa, recebendo conteúdos de diversas fontes, porém sua configuração e controle eram centralizados na figura do pesquisador.

O mesmo aconteceu com grupos de midiativismo. Não há uma fórmula ideal do que deve ser a mídia livre, nem uma experiência modelo. Cada um deles atualiza a potência à sua maneira, montando uma rede de multiplicidades em prol do comum, é o que chamamos de multidão inteligente. Se fosse homogênea, não haveria multidão.

Outra conclusão é a importância de trabalhos acadêmicos com a temática de protestos. Se não fosse desenvolvido em uma universidade, o Rebaixada poderia ser criminalizado, não em potência como no relatório da operação Firewall, mas de fato através de pedidos de retirada de conteúdo do ar, como ocorrido com algumas páginas de grupos ativistas, e apreensão de material, bem como a detenção de seus responsáveis³⁴. O ambiente acadêmico proporciona ainda autonomia em relação aos envolvidos com o objeto. Tanto polícia (que também investiga), quanto manifestantes (que não querem ser investigados) respeitaram o trabalho acadêmico. Por óbvio, houve momentos de tensão como a inclusão na Operação Firewall e a recusa da participação do pesquisador de algumas reuniões de ativistas, mas no geral este trabalho conseguiu êxito no que se propôs: mapear os coletivos de midiativismo que estão no devir Baixada e desenvolver a plataforma Rebaixada para

³⁴ G1. Administradores de página Black Bloc RJ na web conseguem habeas corpus. Acessado em 18 de outubro de 2014. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/09/presos-por-pagina-black-bloc-na-web-tem-habeas-corpus-diz-advogado.html>

reunir os conteúdos produzidos por eles.

A pesquisa foi reconhecida por sua inovação no *web scraping* pelo site “Periodismo Ciudadano”³⁵, Occupy³⁶, Portal do Aprendiz³⁷ e Carta Capital³⁸. O site BrnasRuas, criado pelo pesquisador Bernardo Gutiérrez, bebeu na fonte do Rebaixada. O hub BrnasRuas³⁹ foi criado em fevereiro de 2014 já com algumas mudanças em relação a esta pesquisa. Além dos coletivos, o agregador mapeava a publicação individual por meio de *hashtags* (palavras-chave) como #ProtestosBR, #PasseLivre e #OccupyWorldCup. A indexação dos dados coletados passava ainda por um filtro de algoritmos, assim como feito por Facebook e Google.

Já o aplicativo RadCom ganhou apoio mundial da Unesco⁴⁰, sendo considerado uma das principais ferramentas de comunicação comunitária⁴¹. Foi instalado por mais de mil usuários de celulares Android e iOS.

Pensando em políticas públicas sobre o tema, são necessárias ações no sentido de garantir a preservação da memória da internet. A dependência exclusiva de ferramentas proprietárias como o Facebook causa insegurança e sérios problemas na construção de acervos públicos do que foram os protestos de 2013 e 2014 no Brasil.

Universidades brasileiras poderiam investir na catalogação do conhecimento produzido exclusivamente nas mídias sociais privadas, criando cópias digitais dos materiais em servidores locais, acessíveis a seres humanos e máquinas que desejam analisar as informações ali contidas.

Em um cenário de Web 3.0, onde há inteligência artificial a partir do acesso a bancos de dados, é fundamental possibilitar o uso de informações públicas para projetos de interesse público e não, como hoje acontece, com o uso de dados privados para o benefício de empresas comerciais. Áreas como o “jornalismo de

³⁵ <http://www.periodismociudadano.com/2014/01/03/rebaixada-informando-desde-brasil-de-las-consecuencias-de-los-megaeventos-deportivos/>

³⁶ <http://www.occupy.com/article/what-brazil-protests-mean-dialogue-global-revolt>

³⁷ <http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2013/12/19/rebaixada-reune-producao-dos-excluidos-de-megaeventos-no-rio/>

³⁸ <http://www.cartacapital.com.br/politica/os-protestos-do-brasil-dialogam-com-as-revoltas-globais-4371.html>

³⁹ <http://www.brnasruas.org/>

⁴⁰ <http://nacoesunidas.org/unesco-apoia-globalmente-aplicativo-de-brasileiro-para-radios-comunitarias/>

⁴¹ <https://en.unesco.org/radioict/icts/radiocom>

banco de dados” (RAMONET, 2013) dependem dessa abertura.

Na contramão disso, a empresa Facebook vem atuando cada vez mais fortemente a fim de centralizar a rede mundial de computadores em seus domínios. Após comprar o Instagram e o Whatsapp, criou um projeto para permitir a inclusão digital de populações periféricas. O “Internet.org”, na verdade, expande o “jardim murado” (DANTAS, 2014) para toda a internet.

Essa limitação é sentida por quem acessa a rede por meio de smartphones. Os planos 3G de algumas operadoras permitem apenas o uso de determinados aplicativos no plano básico e mais barato. Para ler emails, ver vídeos e escrever blogs, por exemplo, é obrigatório pagar um plano com valor bem superior. Apesar de proibida pelo recém-aprovado Marco Civil da Internet, a quebra da “Neutralidade de Rede” tem sido comum por parte das operadoras de telecomunicações que justificam sua prática na ausência de regulamentação da lei.

Outro ponto é a garantia da liberdade de expressão. Este direito previsto na constituição de 1988 não pode ser relativizado de acordo com o sujeito que comunica. A repressão simbólica e policial sofrida pelos grupos de midiativismo e até mesmo por esta pesquisa demonstra que o direito à comunicação previsto no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos ainda está muito pouco presente em países de democracia recente como o Brasil.

Quanto à tecnologia, é preciso entender seu conhecimento como competência transversal na educação básica e superior, principalmente quando falamos da formação em jornalismo. O jornalista deixa de ser um mero produtor de conteúdo para planejar e gerir sistemas complexos de informação. Se não houver mudança nesse entendimento, os produtores de conteúdo ficarão sempre dependentes dos profissionais que detêm o conhecimento de programação para construir softwares e algoritmos que atuam na mediação, antes restrita aos meios de comunicação.

A mediação da qual os midiativistas fugiam é fortemente desempenhada pelas mídias sociais da internet. Se estes não criarem seus próprios canais de veiculação, ficarão reféns de um intermediário que proporciona uma servidão maquínica resultando numa sujeição social pouco perceptível na rede mundial de computadores. Enquanto alguns são *prosumers* (TAPSCOTT, 2007), outros controlam os softwares, interferindo nos afetos e na produção de subjetividade.

O que o Rebaixada deixa enquanto pesquisa-ação é uma contribuição para

este debate, que tem tudo para ser um dos temas mais fundamentais à vida em sociedade nos próximos anos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leonel. **Apropriação das tecnologias de informação e estratégias da ecologia virtual**. 2008.. Disponível em: <http://www.ielusc.br/BancoArquivos/RASTROS/CONTEUDO/arquivos/Leonel%20Aguiar.pdf>. Acesso.em: 15 set. 2014.
- AGUIAR, Leonel; SCHAUN, Angela. **Híbrido glocal, ciberativismo tecnologias da informação**. 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/viewFile/2829/1956>. Acesso.em: 15 set. 2014
- ALVES, Flora. **Gamification**: como criar experiências de aprendizagem engajadoras: um guia completo do conceito à prática. São Paulo: DVS Editora, 2014.
- ALVES, José Cláudio Souza. **Dos barões ao extermínio**: uma história da violência na Baixada Fluminense. 2003.
- AMARC. **Princípios para garantir a diversidade e a pluralidade na radiodifusão e nos serviços de comunicação audiovisual**. 2012. Disponível em https://amarcbrasil.com/wp-content/uploads/2021/05/40ppios_PT_folieto.pdf. Acesso.em: 16 set. 2014
- ANTOUN, Henrique. De uma teia à outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa. In: ANTOUN, Henrique (orgs.). **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p.11-29.
- ARAGÃO, Alexandre. *Análise das redes sociais mostra que perfis falsos influenciaram discussão na web*. **Folha De S. Paulo**, 30 set 2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1524593-analise-das-redes-sociais-mostra-que-perfis-falsos-influenciaram-discussao-na-web.shtml>. Acesso em: 19 out. 2014.
- BARREIRA, Gabriel. Administradores de página Black Bloc RJ na web conseguem habeas corpus. **G1**, 12 set 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/09/presos-por-pagina-black-bloc-na-web-tem-habeas-corpus-diz-advogado.html>. Acesso em: 18 out. 2014.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 set. 2014.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei 12485**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm. Acesso em: 14 set. 2014.
- BÖLL, Heinrich. **Encontro aborda papel das mídias digitais no fortalecimento da democracia e do controle**. Disponível em <http://br.boell.org/pt->

br/2015/09/11/encontro-aborda-papel-das-midias-digitais-no-fortalecimento-da-democracia-e-do-controle. Acesso em: 9 out. 2014.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

RIO DE JANEIRO. **CULTURA RJ**: caminhos cheios de bossa por um estado com muita raça e talento = Paths Full of Bossa across a State of Great Talent and Power. Rio de Janeiro: Diadorim, 2014.

DANTAS, Marcos. **Mais-valia 2.0**: produção e apropriação de valor nas redes do capital. Disponível em <http://marcosdantas.com.br/conteudos/wp-content/uploads/2014/07/Maisvalia-2-0.pdf> . Acesso em: 11 out. 2014

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 4 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Suely Rolnik. - São Paulo: Ed. 54, 1997.

DUDU. **Enraizados**: Os híbridos Glocals. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

EITA. **Os Donos do Rio**. Disponível em <http://proprietariosdobrasil.org.br/donos-do-rio/>. Acesso em: 27 set. 2014

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro : Graal. 1979.

FONSÊCA, Daniel. **Não dá para não ver**. Disponível em <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10419.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia Oliveira e Lúcia. 7 Cláudia Leão. São Paulo, Editora 34, 1992.

GUTIERREZ, Bernardo. **La indignación politiza el Carnaval de calle de Brasil**. *El País*, publicado em 8 de março de 2014. Disponível em http://www.eldiario.es/internacional/indignacion-politiza-Carnaval-calle-Brasil_0_236227167.html . Acesso em: 15 out. 2014.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. São Paulo: Record, 2005.

HB, Heraldo. **O cerol fininho da Baixada**: Histórias do cineclube Mate com Angu - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

IHU. **As polarizações não dão conta das mudanças de imaginário**. Entrevista especial com Ivana Bentes. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/537080>. Acesso em: 6 nov. 2014.

JUDENSNAIDER, Elena et al. **Vinte Centavos: a Luta Contra o Aumento**. São Paulo: Veneta, 2013.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Jornalismo no Século XXI: O modelo Mídia NINJA**.. Disponível em

<http://books.google.com.br/books?id=D8tKBAAQBAJ&pg=PT5&lpg=PT5&dq=audie ncia+twitcasting+m%C3%ADdia+NINJA&source=bl&ots=BVDq3nfztz&sig=aTTgUF1 TRH57EGElYJ5NJVzhc4U&hl=pt-BR&sa=X&ei=fvJpVK3NBcHMgwTw4YHYBQ&ved=0CEAQ6AEwBg#v=onepage&q= audiencia%20twitcasting%20m%C3%ADdia%20NINJA&f=false>. Acesso em: 17 out. 2014.

MALINI, Fabio ; ANTOUN, H. . **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. 1. ed. Porto Alegre: Editortia Sulina, 2013.

MARICATO, Ermínia, [et al.]. **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1º ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MÍDIA NINJA. **Ninja 2013**: retrospectiva multimídia. Publicado em 30 de janeiro de 2014. Disponível em <https://medium.com/@MidiaNINJA/ninja-2013-f6d5618375b2>. Acesso em: 29 mar. 2015.

MIZUKAMI, Pedro Nicoletti. **Mapeamento digital o Brasil** / Escrito por Pedro Mizukami, Jhessica Reia, Joana Varon. - Rio de Janeiro: Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getúlio Vargas, Centro de Tecnologia e Sociedade, 2014.

PETRÓ, Gustavo. Brasil terá um computador por habitante em 2016. **G1**, 18 abr 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/04/brasil-tera-um-computador-por-habitante-em-2016-preve-fgv.html>. Acesso em: 15 out. 2014.

RIO DE JANEIRO. Polícia Civil. **Relatório da Operação Firewall**. 2014. mimeo.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2013

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLG, Howard. **Multitudes Inteligentes**. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.

SAVAZONI, Rodrigo. **Os novos bárbaros: a aventura política do Fora do Eixo**. Rio de Janeiro,: Aeroplano, 2014.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Cartografia de espaços híbridos: As manifestações de Junho de 2013**. Disponível em <http://interagentes.net/?p=62>. Acesso em: 15 out. 2014

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Redes cibernéticas e a reconfiguração da Biopolítica. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (orgs.). **Revolução 2.0**: a crise do capitalismo global. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p.281-292.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu; BRAGA, Sérgio; PENTEADO, Cláudio (orgs.). **Cultura, Política e Ativismo nas redes digitais**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

UNICEF. **O uso da internet por adolescentes**. Disponível em

http://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf. Acesso em: 20 out. 2014.

TAPSCOTT, Don. **Wikinomics**: como a colaboração em massa pode mudar seu negócio / Don Tapscott, Anthony D. Williams ; tradução de Marcello Lino. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2007.

WITNESS. **Como filmar a violência policial em protestos**. Disponível em <http://artigo19.org/wp-content/uploads/2014/06/GUIA-WITNESS-R02-web.pdf>. Acesso em: 16 out. 2014.

ANEXO A - Dados de publicação

Total: 25.246

- Blogs

Total	896
Auto Gestão	105
Comitê Popular Rio	10
DDH	22
Jornal A Nova Democracia	114
Jornal Zona de Conflito	3
Juntos	11
Latuff	235
Real World Cup 2014	17
Revista Vírus Planetário	101
Rio On Watch	76
Rio Riots	14
RionaRua	119
RioOnWatch	69

- Facebook

Total	22742
#LigaçãoComFreixo	141
Advogados Ativistas	260
AND	1411

Anonymous Rio	2220
Assembleia do Largo	2037
Black Bloc RJ	1555
Carranca	135
Censura Negada RJ	385
Choque de Ordem para Quem	9
Coletivo Fanfarra	257
Coletivo Vinhetando	680
Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas	409
CoVIL	1
DasLutas	902
Favela 247	746
Fotógrafos Ativistas	163
Gapp	353
Justiça Global	356
Linha de Frente	169
Linhas de Fuga	412
MIC	800
Mídia Informal	1366
MídiaNINJA	1430
Nada deve parecer impossível de mudar	212
Não vai ter Copa	509
Northe Um	78

Ocupa Câmara	60
Olhar Independente	410
Operation World Cup	247
Organização Anarquista Terra e Liberdade OATL	805
Pimenta do Fuleco	5
Porque eu quis	981
Projetação	414
Rio \$urreal	553
RionaRua	362
RioRiots	159
Tavarez	145
VírusPlanetário	829
Zona de Conflito Mídia	663
ZUMBI	113

- YouTube

Total	1608
OcupaCarnaval	6
A Nova Democracia	273
Alfa Beto	1
Anonymous Brasil	44
Carlos Latuff	30
Coletivo Carranca	5
Comitê Popular da Copa e	31

das Olimpíadas	
Das Lutas	34
Jornal Opinião de Brasileiro	2
Justiça Global Brasil	9
Linha de Frente Audiovisual	7
Los Vânda	4
Marcelo Freixo	109
Mariachi	59
Mídia Gedai	1
Mídia Independente Coletiva	5
Mídia NINJA	109
MídiaInformal	14
Multidão Web	167
NPC	63
Pós TV	348
Protestos Rio	53
Rafucko	99
Rio na Rua	10
Vinagre	4
Vinhetando	71
Vírus Planetário	25
Voz das Ruas	25

ANEXO B - Termos mais usados pelos midiativistas

Copa do Mundo	475
PM	323
RJ	273
FIFA	210
Nova Democracia	195
UPP	168
SP	147
Telerj	145
Sao Paulo	131
Copa	127
Greve	123
Rio	107
Polícia Militar	103
NINJA	95
Eduardo Paes	80
Ato	70
TV	69
Belo Horizonte	66
Direitos Humanos	66
Central do Brasil	56
Ao vivo	55
Black Bloc	38

ANEXO C - Acessos ao Rebaixada

Entre 15 de novembro de 2013 e 14 de setembro de 2015

- Países

País	Acessos
Brazil	194.965
United States	8.455
Spain	3.262
Russia	2.731
France	2.551
India	2.515
Portugal	2.458
Mexico	2.162
(not set)	1.914
Germany	1.804
Argentina	1.798
Chile	1.626
United Kingdom	1.404
Italy	956
Netherlands	909
Canada	752
Colombia	717
Japan	614
Venezuela	533
Switzerland	503
Peru	367
Australia	352
China	343
Israel	337
Belgium	326
Bolivia	316
Indonesia	309
Sweden	282
Ecuador	248
Costa Rica	244
Austria	218

Uruguay	216
Dominican Republic	200
Turkey	191
Denmark	178
Ireland	164
South Korea	163
Poland	134
Angola	131
Kenya	125
Mozambique	125
Norway	123
Greece	122
South Africa	107
Romania	106
Guatemala	101
El Salvador	98
Morocco	96
Paraguay	96
Finland	91
Puerto Rico	89
Egypt	85
Thailand	83
Algeria	74
Panama	69
Ukraine	69
Hungary	67
United Arab Emirates	60
Malaysia	59
Iran	56
Hong Kong	54
New Zealand	54
Georgia	53
Taiwan	53
Cape Verde	52
Vietnam	52
Czech Republic	49
Croatia	48

Estonia	47
Tunisia	47
Slovenia	46
Philippines	45
Suriname	45
Singapore	43
Saudi Arabia	41
Haiti	40
Palestine	39
Honduras	38
Pakistan	36
Luxembourg	35
Bulgaria	31
Serbia	31
Senegal	26
Congo (DRC)	24
Côte d'Ivoire	24
Nepal	24
Aruba	22
Bangladesh	22
Nicaragua	22
Benin	21
Kazakhstan	19
Nigeria	19
Slovakia	18
French Guiana	16
Lithuania	16
Moldova	16
Bosnia & Herzegovina	15
Belarus	14
Jordan	14
Cyprus	13
Iraq	13
Réunion	13
Gambia	12
Tanzania	12
Kuwait	11
Lebanon	11

Trinidad & Tobago	11
Albania	10
Ghana	10
Guadeloupe	10
Sri Lanka	10
Latvia	10
Madagascar	10
Mali	10
Mauritius	10
Qatar	10
Martinique	9
Armenia	8
Curaçao	8
Oman	8
Togo	8
Iceland	7
Jamaica	6
Cambodia	6
Malta	6
Uganda	6
Cayman Islands	5
São Tomé & Príncipe	5
Andorra	4
Azerbaijan	4
Bahamas	4
Congo (Republic)	4
Gabon	4
Monaco	4
Macau	4
Malawi	4
Niger	4
Kosovo	4
Zambia	4
Burkina Faso	3
Belize	3

Cameroon	3
Cuba	3
Ethiopia	3
Kyrgyzstan	3
Lesotho	3
Namibia	3
Rwanda	3
Chad	3
Timor-Leste	3
Barbados	2
Caribbean Netherlands	2
Central African Republic	2
Faroe Islands	2
Gibraltar	2
Laos	2
Liechtenstein	2
Libya	2
Montenegro	2
Mongolia	2
New Caledonia	2
Sudan	2
Somalia	2
South Sudan	2
Sint Maarten	2
Syria	2
Mayotte	2
Zimbabwe	2
Afghanistan	1
Antigua & Barbuda	1
Anguilla	1
Åland Islands	1
Bahrain	1
Burundi	1
Bermuda	1
Brunei	1
Bhutan	1

Botswana	1
Grenada	1
Guinea	1
Equatorial Guinea	1
Comoros	1
St. Kitts & Nevis	1
Liberia	1
Myanmar (Burma)	1
Mauritania	1
French Polynesia	1
Papua New Guinea	1
St. Pierre & Miquelon	1
Seychelles	1
Sierra Leone	1
San Marino	1
Turks & Caicos Islands	1
Turkmenistan	1
Uzbekistan	1
St. Vincent & Grenadines	1
U.S. Virgin Islands	1
Vanuatu	1
Yemen	1
	240.986

- Estados

Região	Sessões
Rio de Janeiro	80388
Sao Paulo	43173
Minas Gerais	13770
Rio Grande do Sul	7331

Parana	7258
Bahia	6207
Federal District	5228
Santa Catarina	4348
Ceara	3989
Pernambuco	3909
Espirito Santo	3063
Goiias	2678
Paraiba	2246
Rio Grande do Norte	1533
Para	1467
Amazonas	1224
Mato Grosso do Sul	1134
Mato Grosso	1017
Maranhao	970
Alagoas	955
Sergipe	734
Piaui	684
Rondonia	658
Tocantins	376
Amapa	175
Roraima	138
Acre	125
não identificados	187
	194965

- Línguas

50 idiomas mais usados.

Idioma	Sessões
pt-br	185370
en-us	20860

en	4942
es	4680
pt-pt	3373
(not set)	3116
es-es	3099
fr	2188
en-gb	1310
ru	1251
es-419	1080
de	1022
fr-fr	1012
ru-ru	866
pt	754
de-de	611
es-us	582
it-it	515
it	416
es-mx	356
nl	351
c	232
nl-nl	232
es-ar	225
ja-jp	182
es-cl	149
sv-se	136

ja	127
tr	102
zh-cn	102
pl	87
he-il	76
he	65
sv	63
ca	57
ko	53
da-dk	50
zh-tw	50
ar	49
es-la	47
da	46
el	44
en-ca	44

- Páginas mais visitadas

50 páginas mais acessadas.

Página	Visualizações de página
/contra-cheque-funcionario-da-comlurbtente-voc-viver-com-este-salario-obs/	20082
/	19922
/the-danish-journalist-mikkel-jensen-had-a-dream-to-cover-the-world-cup-i/	6597
/a-revista-veja-usou-sem-a-nossa-autorizacao-a-fotoframe-de-elisa-quadros-regis/	6029

/concessionaria-esclarece-que-suposta-rachadura-na-ponte-rio-niteri-uma-ju/	4892
/crime-and-punishment-comments-on-a-violent-week-in-rio/	4061
/radcom/	4020
/radcom/app/?androidapp=1&abv=2.0.0	3570
/a-ativista-sininho-responde-a-reportagem-do-g1-isso-so-pode-ser-sacanagem/	3243
/pms-que-teriam-se-envolvido-com-a-maria-upp-sofrem-com-cimes-das-esposas/	3155
/aviso-de-contedo-estupro-quotmulheres-abusadas-violentadas-estupradas-toda/	3154
/mensagem-enviada-via-inboxquotateno-rodovirios-do-rio-populao-amanh-di/	2646
/direito-de-resposta-cineasta-elisa-quadros-a-sininhona-manh-de-hoje-a-equ/	2504
/desabafo-de-uma-professora-de-sociologia-quotsou-professora-de-sociologia-da-rede/	2355
/olha-quem-voltou-episodio-completo-legendado-de-os-simpsons-na-copa-do-mun/	1929
/foto-falsaandam-compartilhando-essa-foto-como-se-bandido-da-direita-fosse-o-dg/	1474
/category/videos/	1448
/uma-tima-anlise-sobre-os-malefcios-da-copa-naovaitercopa/	1151
/brasil-copa-do-mundo-2014deixe-sua-legenda-para-essa-imagem/	1119
/mdicos-ou-presidirios-o-ministrio-da-sade-publicou-portaria-na-tarde-de-ho/	1114
/15-de-maio-dia-internacional-de-lutas-contra-a-copa-do-mundoentre-as-razes-e/	1111
/httparanas-com-brsite20140223se-voce-ler-isso-e-nao-sentir-vergonha-voce/	1066
/category/facebook/	1058
/protestos/	1045
/malandro-malandro-vip-e-o-karaioparabns-ao-laboratrio-srgio-franco-do-b/	1030
/projeto/	1024
/quotvergonha-internacional-a-edio-da-revista-france-football-esta-semana-veio-c/	927

/o-jornalista-dinamarqus-mikkel-jensen-tinha-o-sonho-de-cobrir-a-copa-do-mundo-n/	879
/mensagem-enviada-via-inboxquota-empresa-ph-service-deu-um-calote-em-vrios-rgo/	871
/cineasta-sininho-responde-as-acusacoes-feitas-por-advogado-de-milicianos-a-rede-globo/	865
/segue-a-tabela-salarial-dos-empregados-de-confiana-da-comlurb-e-a-diferena-de/	839
/um-povo-sem-memria-um-povo-sem-histria-e-um-povo-sem-histria-est-fadado/	797
/the-hollywood-sign-generatorhttphollywoodsigngenerator-commtiymze1/	796
/rodovirios-do-rio-prometem-trgua-ate-dia-2705-quando-faro-nova-assembleia/	787
/protesto-na-pe-15-ontem-pela-manh-foto-j-nobre/	716
/como-a-globo-bloqueia-videos-no-youtube/	691
/freixo-responde-s-injurias-do-globo-marcelo-freixo-pela-terceira-vez-em-meno/	688
/rio-de-janeiro-greve-dos-rodovirioshoje-dia-08-de-maio-a-greve-de-24h-dos-r/	685
/fuja-ou-vire-bananadiogo-vollstedt-relata-um-super-abuso-do-bar-banana-jac/	594
/se-dg-no-fosse-danarino-do-esquento-globo-seria-chamado-de-trafficante-como-a/	546
/a-foto-de-2013-do-carnaval-da-cidade-de-colnia-na-alemanha-nela-o-preside/	540
/o-professor-de-ingls-rafael-marques-lusvarghi-29-estava-parado-sozinho-em-fre/	529
/radcom/mapa/	523
/safatle-desconstruindo-o-discurso-da-globochupaglobo-de-novo-hahahahahaha/	519
/cinegrafista-da-rede-globo-agride-covardemente-manifestante-na-porta-da-17a-dele/	509
/dia-festa-para-o-corruptosrio-casamento-do-presidente-do-pmdb-jorge-picciani/	502
/canal-da-cidadania-tv-comunitaria-aberta-e-tv-publica-para-a-cidade/	500
/radcom/app/wiziapp/categories/	493

/prefeito-que-no-gosta-de-musicaeduardo-paespalho-paes-acredita-que-musica/	482
/amanh-a-fbrica-de-cimento-branco-ir-ser-demolido-e-isso-afeta-diretamente-p/	477

- Palavras-chave

50 mais usadas.

Palavra-chave	Sessões
(not provided)	158169
contra cheque comlurb	437
violentadas	340
contracheque comlurb	234
esposas	176
contra cheque da comlurb	126
mikkel jensen journalist	118
contracheque da comlurb	89
comlurb contracheque	55
comlurb contra cheque	51
contra cheque comlurb rj	44
elisa quadros	40
mikkel jensen brazil	33
maria upp	31
nao vai ter copa	30
rebaixada	30
carol rossetti	29
ativista sininho	25
contra cheque prefeitura rj comlurb	25
hollywood sign generator	25
mikkel jensen	25
dg traficante	23
elisa quadros sininho	23
não vai ter copa	23
consultar contra cheque comlurb	21
sininho ativista	20
peacock pavãozinho rio de janeiro	19
sao paulo policia protegendo inflavel	19

vai brasil	19
boa foda	18
contrachequecomlurb	18
www.facebook	18
mikkel jensen brasil	17
violentadas estupradas	17
actual saude	16
contra cheque rj comlurb	16
contracheque prefeitura rj comlurb	16
contra cheque da comlurb rj	15
negras nuas	15
sisep rio	14
bunda negra	13
contracheque da comlurb rj	13
fotos de gostosas	13
http://rebaixada.org/ruas/	13
mulheres abusadas	13
contracheque comlurb 2014	12
contracheque indireta comlurb	12
hospital rocha faria entrada da os	12
salario domestica rj 2014	12
contra cheque comlurb 2014	11

- Origem do acesso

Tipo	Sessões
Busca	174879
Direto	28657
Social	21929
Redirecionamento	15521

50 maiores referências ao Rebaixada.

Origem/mídia	Sessões
google	171813
direto	28657
facebook.com	8461
m.facebook.com	7646
google.com.br	3512
t.co	3091
mundoveracruzano.com	2160
l.facebook.com	1923
yahoo	934
bing	907
ask	820
4webmasters.org	778
floating-share-buttons.com	669
google.fr	569
lm.facebook.com	469
trafficmonetize.org	468
semalt.semalt.com	335
search.tb.ask.com	322
google.de	312
traffic2money.com	305
google.com	270
baidu	244
search.hao123.com.br	210

social-buttons.com	197
www2.amarc.org	173
rebaixada.com.br	157
get-free-social-traffic.com	134
webmonetizer.net	124
brnasruas.com	112
site4.free-share-buttons.com	112
buttons-for-website.com	111
monitor.scup.com	103
anovademocracia.com.br	100
semalt.com	100
radiokaxinawa.com.br	96
free-share-buttons.com	93
snrl.fr	90
trafficmonetizer.org	87
55ch.org	81
agenciapulsar.org	80
pijamasurf.com	80
www.event-tracking.com	77
search.webssearches.com	72
vaimudar.hackdash.org	69
busca.uol.com.br	66
cartacapital.com.br	63
seo-platform.com	62
www.Get-Free-Traffic-Now.com	53

metalurgicosdaemgepron.blogspot.com. br	51
site2.floating-share-buttons.com	51

ANEXO D - Relatório da Operação Firewall

Grupos Organizados

Há uma enorme diversidade de grupos organizados, alguns transitórios outros permanentes, denominados de coletivos ou movimentos sociais, permeáveis a ideias extremistas e a manipulações políticas, que são cooptados e instrumentalizados para agir como forças de pressão que transitam pela esfera da violência deliberada. Os manifestantes mais exaltados, em sua maioria, são oriundos desses grupos e suas ações, além de não ser espontâneas, obedecem a comandos e planejamento prévios.

Principais grupos organizados: **01)** FIP – Frente Independente Popular; **02)** FIST – Frente Internacionalista dos Sem Teto; **03)** FNT – Frente Nacional dos Torcedores; **04)** GLP – Grupo de Luta dos Petroleiros; **05)** MEPR - Movimento Estudantil Popular Revolucionário; **06)** MFP - Movimento Feminino Popular; **07)** MRP - Movimento de Resistência Popular; **08)** OATL - Organização Anarquista Terra e Liberdade; **09)** Oposição de Resistência Classista (ORC); **10)** RECC - Rede Estudantil Classista e Combativa; **11)** Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência; **12)** Universidade Indígena Aldeia Maracanã; **13)** UV - Unidade Vermelha; **14)** Dia do Basta; **15)** Ocupa LAPA; **16)** Ocupa Câmara; **17)** Ocupa Cabral; **18)** Anonymous Rio; **19)** Black Bloc RJ; **20)** Mídia Ninja; **21)** Coletivo Mariachi; **22)** Coletivo Calisto; **23)** Coletivo Rebaixada; **24)** Coletivo Tempo de Resistência; **25)** Coletivo Desentorpecendo a Razão; **26)** Coletivo Rosa dos Ventos; **27)** Coletivo Vinhetando; **28)** Coletivo Projetação; **29)** Coletivo Margaridas Ambulantes; **30)** Coletivo SUBURBAGEM; **31)** Coletivo Das Lutas; **32)** Coletivo SerHurbano; **33)** Coletivo Inimigos do Rei; **34)** Coletivo Vô Pixá Pelada; **35)** Coletivo PACAL; **36)** Coletivo PaguFunk; **37)** Instituto Raízes em Movimento; **38)** Alemão de Notícias; **39)** Complexo do Alemão; **40)** Jornal Voz das Comunidades; **41)** Mulheres de Atitude - AMA; **42)** Barraco #55; **43)** Descolando Ideias; **44)** APAFUNK; **45)** Porque eu quis; **46)** Favela não se Cala; **47)** Fórum Social de Manguinhos; **48)** Fórum Rede da Juventude; **49)** Favela em Foco; **50)** Norte Comum; **51)** Observatório de Favelas; **52)** Observatório de Conflitos Urbanos; **53)** Fala Roça; **54)** Marcha Mundial das Mulheres - MMM; **55)** Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência; **56)** Rio Na Rua; **57)** Grupo Teatro da Laje; **58)** Surbanitas; **59)** Núcleo Socialista da Tijuca; **60)** Linhas de Fuga; **61)** Fórum Popular de Apoio Mútuo; **62)** Movimento Direito pra quem – DPQ; **63)** Arteiras; **64)** Rede de Instituições do Borel; **65)** Ocupa Borel; **66)** Fora do Eixo (criador da Mídia Ninja); **67)** Mídia Independente Coletiva – MIC; **68)** Tem Morador; **69)** Suburbano da Depressão; **70)** Movimentos Cidades Invisíveis; **72)** Comitê de apoio ao jornal A Nova Democracia, **73)** Favela não se cala.